



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (FCI)
CURSO DE GRADUAÇÃO DE BIBLIOTECONOMIA

Tatyanne Pereira Soares

**A RELEVÂNCIA DO LIVRO COMO
OBJETO DE ESTUDO NO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA**

Brasília

2018

Tatyanne Pereira Soares

**A RELEVÂNCIA DO LIVRO COMO
OBJETO DE ESTUDO NO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA**

Monografia apresentada à Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção de título de bacharel em Biblioteconomia.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Dulce Maria Baptista

Brasília

2018

S676t Soares, Tatyane Pereira.

A relevância do livro como objeto de estudo no curso de biblioteconomia / Tatyane Pereira Soares. – Brasília, 2018.
61 f. : il.

Monografia (Graduação) - Universidade de Brasília,
Faculdade de Ciências da Informação, 2018.

Orientadora: Prof^ª Dra. Dulce Maria Baptista

1. Livro. 2. Livro eletrônico. 3.História do livro. 4. E-book. 5. Biblioteconomia. I. Título.

CDU: 027

CDD: 020



Título: A relevância do livro como objeto de estudo no curso de Biblioteconomia.

Aluna: Tatyane Pereira Soares.

Monografia apresentada à Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Brasília, 04 de julho de 2018.

Dulce Maria Baptista - Orientadora
Professora da Faculdade de Ciência da Informação (UnB)
Doutora em Ciência da Informação

Simone Bastos Vieira – Membro
Professora da Faculdade de Ciência da Informação (UnB)
Doutora em Ciência da Informação

Osmar Arouck – Membro externo
Bibliotecário do Senado
Mestre em Ciência da Informação

Com muito amor e gratidão, dedico este trabalho à minha família, em especial aos meus pais e minha irmã.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus por ter me dado força e discernimento durante toda a minha jornada até aqui.

Aos meus pais e a minha irmã, que são à base de todos os valores que possuo e que sempre me apoiaram e acreditaram em mim.

Ao Gabriel, que está ao meu lado deste o início, por ouvir meus desabafos, por todas as conversas de apoio, pela compreensão e por todos os momentos que tornou essa caminhada mais fácil.

A toda minha família, principalmente, aos meus primos que tornaram a minha caminhada mais leve e divertida.

Aos meus professores e seus ensinamentos. Especialmente, a professora Dulce Baptista pela excelente orientação, por todo conhecimento que me acrescentou, pelo apoio e por compreender os momentos difíceis de escrita e acreditar em mim. MUITÍSSIMO obrigada!

À Faculdade de Ciência da Informação da UnB, em especial ao secretário do curso, Reginaldo, por ser sempre solícito e atencioso.

Aos velhos amigos que entenderam minha ausência durante essa fase.

Aos meus colegas de curso, por tornarem os dias na faculdade mais agradáveis. Agradeço, especialmente, a minha amiga de curso e da vida, Renata Araújo, pelas conversas, conselhos, apoio, carinho e cumplicidade.

Aos colegas de trabalho da biblioteca da Procuradoria Geral do Distrito Federal e da biblioteca do Senado Federal, nas quais estagiei. Em especial a, Cris, Marcela, Claudinha, Marília, Maria Helena, Osmar e Alexandre, que são, para mim, exemplos de profissionais e também de seres humanos. Agradeço por todo aprendizado e carinho que recebi.

E a todos que não citei diretamente aqui, mas que sabem a importância que tem para mim.

**"Os usos e costumes coexistem e nada nos
apetece mais do que alargar o leque dos possíveis."**

(Umberto Eco)

RESUMO

A presente pesquisa procurou abordar a relevância do livro como objeto de estudo no curso de biblioteconomia. Inicialmente, por meio de um levantamento bibliográfico, expõe aspectos históricos e tecnológicos relacionados ao livro que ilustram sua importância para sociedade em geral e discorre a respeito de questões atuais sobre o futuro do livro, das bibliotecas e o papel do bibliotecário neste novo cenário. Em seguida, apresenta uma pesquisa qualitativa realizada por meio de dados levantados em currículos de biblioteconomia de 23 Instituições de Ensino Superior federais e estaduais do país, com o objetivo de observar como este assunto tem sido abordado nos cursos de formação. Constatou-se resultados que indicam que, embora com designações diferentes, a disciplina está presente na maioria delas, mas possuem alguns aspectos que precisam receber maior atenção dos bibliotecários.

Palavras-chave: Livro. Livro eletrônico. História do livro. E-book. Biblioteconomia.

ABSTRACT

This research seeks to address the relevance of the book as an object of study in the course of librarianship. Initially, by means of a literature review, exposes historical and technological aspects related to the book that illustrate its importance for society in general and discusses current issues about the future of books, libraries, and the role of the librarian in this new setting. Then, presents a qualitative research carried out by means of data collected in librarianship curricula of 23 federal and state higher education institutions of the country with the objective of observing how this subject has been approached in the training courses. Results were found indicating that, although with different designations, discipline is present in most of them, but they do have some aspects that need to get more attention from librarians.

Keywords: Book. Electronic Book. History of Book. E-book. Librarianship.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|-----------------------------------------------------------|----|
| Figura 1: Memex | 30 |
| Figura 2: Dynabook | 34 |
| Figura 3: Evolução do livro eletrônico | 35 |
| Figura 4: Destaques na história do livro eletrônico | 36 |

LISTA DE QUADROS

| | |
|---------------------------------------------------------|----|
| Quadro 1: Vantagens dos livros eletrônicos | 37 |
| Quadro 2: Desvantagens dos livros eletrônicos | 38 |
| Quadro 3: Disciplinas do curso de biblioteconomia | 43 |
| Quadro 4: Disciplinas do livro | 46 |
| Quadro 5: Autores e obras principais | 50 |

LISTA DE GRÁFICOS

| | |
|--------------------------------------------------|----|
| Gráfico 1: Currículos | 49 |
| Gráfico 2: Obrigatoriedade das disciplinas | 49 |

SUMÁRIO

| | |
|--------------------------------------------------------------------------------|----|
| 1 INTRODUÇÃO..... | 13 |
| 1.1 Justificativa..... | 14 |
| 2 OBJETIVOS..... | 15 |
| 2.1 Objetivo geral..... | 15 |
| 2.2 Objetivos específicos..... | 15 |
| 3 REVISÃO DE LITERATURA..... | 16 |
| 3.1 O livro como registro da história: evolução dos suportes e da escrita..... | 16 |
| 3.1.1 Papiro..... | 17 |
| 3.1.2 Pergaminho..... | 17 |
| 3.1.3 Papel..... | 18 |
| 3.1.4 Evolução das bibliotecas..... | 18 |
| 3.1.5 Imprensa..... | 19 |
| 3.2 O livro como registro do pensamento..... | 22 |
| 3.3 Livro como objeto tecnológico..... | 26 |
| 3.3.1 O livro..... | 26 |
| 3.3.2 A sociedade..... | 27 |
| 3.3.3 A tecnologia..... | 28 |
| 3.3.4 O livro eletrônico..... | 28 |
| 4 METODOLOGIA..... | 40 |
| 5 DESCRIÇÃO E ANÁLISE..... | 41 |
| 5.1 O livro na sociedade..... | 41 |
| 5.2 O livro na biblioteconomia..... | 42 |
| 6 CONCLUSÃO..... | 52 |
| REFERÊNCIAS..... | 56 |

1 INTRODUÇÃO

O livro se insere na história da humanidade, faz parte da sociedade desde o início das civilizações, bem como acompanhou sua evolução. As tabuinhas de madeira e argila até os *e-books* fazem do livro um importante objeto para sociedade. Essa importância merece a atenção dos bibliotecários e pode ser vista por diferentes vertentes que rodeiam o livro.

Este objeto, no Oriente antigo, foi registro da história do povo em forma de placas de argila, suporte para escrita que os gregos e romanos transformaram em pergaminhos e que a Idade Média tanto deu valor e buscou preservar em suas estantes. Fez parte da história dos nossos antepassados, que, depois de Gutenberg, passou de um objeto valioso a que poucos tinham acesso, para um objeto que faz parte do dia a dia da população e que hoje pode se ter vários na palma da mão através de um dispositivo eletrônico. O livro ganhou tamanha importância, tanto na conservação de todo conhecimento quanto na expressão do pensamento, que torna visível a justificativa para um estudo particular, esperando que possa trazer contribuições para o entendimento de sua evolução e utilidade ao longo do tempo.

A história do livro é umas das fontes mais variadas de informação sobre quase toda a sociedade, sendo que através dela é possível compreender mais sobre a própria evolução da humanidade, da escrita, das línguas, da comunicação, das religiões, do ensino, dos pensamentos, das bibliotecas, assim como sobre a história e o dia a dia dos bibliotecários.

A atividade do bibliotecário é ancestral e as bibliotecas antigas comprovam isso, pois havia alguém responsável por alojar os rolos de papiro em nichos, para dizer o assunto de cada papiro, como fazia Calímaco na Biblioteca de Alexandria, e assim sabe-se que já havia algum tipo de organização. A pessoa que realizava esse trabalho podia ser considerada um bibliotecário, embora esta fosse, na época, uma atividade necessária e não ainda uma profissão formal. A partir da crescente complexidade das atividades de biblioteca, se fez necessário uma formação acadêmica que instrísse esses profissionais com os conhecimentos necessários para o exercício dessas atividades. Assim a consolidação dessa atividade como uma profissão se deu gradativamente na medida em que os acervos cresciam e que as bibliotecas e os suportes foram evoluindo, o que fez também com que esse profissional ganhasse novas funções.

No século 20, passou a haver importantes transformações nas bibliotecas, que foram deixando de ser apenas locais de depósito e armazenamento de livros ou locais de leitura e transformaram-se em sistemas de informação com tecnologia de ponta e sistematização de suas atividades. As inovações tecnológicas fizeram com que as bibliotecas precisassem estabelecer um novo padrão de funcionamento, e isso fez com que a formação do bibliotecário na universidade tivesse que se adaptar e modificar para acompanhar essa nova realidade.

Entretanto, isso não diminui a importância das disciplinas de fundamentação e história. O que se pode perceber, de modo geral, é que tem se dado uma ênfase muito grande na tecnologia, justificada pela transformação das bibliotecas em sistemas de informação, mas é necessário evidenciar que isso não pode deixar que o livro em si fique em segundo plano. O livro é um objeto de interesse de toda a sociedade, pesquisadores de várias áreas escrevem sobre o livro, mas é necessário que os bibliotecários também se ocupem desse assunto. As novas tecnologias são muito importantes na viabilização do acesso à informação, mas isso por si só não garante que essa informação seja verídica, de qualidade, e que com isso as pessoas tenham o hábito de leitura. Essas questões precisam receber a atenção dos bibliotecários e por isso devem ser discutidas durante a sua formação, e disciplinas, como a *História do Livro e das Bibliotecas* proporcionam a fundamentação necessária à discussão e compreensão dessas e de muitas outras questões.

Por conta de todo esse cenário que se observa em relação ao livro, essa pesquisa trata da relevância da disciplina *História do Livro e das Bibliotecas*, bem como do livro como objeto de estudo, em geral, na formação dos bibliotecários. Para isso, foi realizada uma revisão bibliográfica abordando três aspectos que ilustram a importância do livro: o livro como registro da história; como registro do pensamento; como objeto tecnológico. Foi feita, uma pesquisa qualitativa de currículos dos cursos de biblioteconomia em Instituições de Ensino Superior federais e estaduais do país, com enfoque nas ementas e bibliografias de disciplinas que tem o livro como objeto principal. O objetivo foi o de observar como este assunto vem sendo abordado na formação desses profissionais.

1.1 Justificativa

Com as discussões acerca das inovações tecnológicas e sua influência na sociedade, esta análise se justifica pela necessidade de situar a temática do livro no âmbito da sociedade em geral, como objeto de pesquisa acadêmica, e particularmente como conteúdo do curso de biblioteconomia. São considerados os impactos potenciais e efetivos que as novas tecnologias vêm trazendo às bibliotecas em termos de acesso à informação, novos suportes e formas de leitura, bem como os atuais questionamentos em relação ao papel do bibliotecário nesse novo cenário.

Diante dessa realidade, a análise das grades curriculares dos cursos de biblioteconomia presentes nas universidades federais e estaduais brasileiras justifica-se pela relevância do conteúdo que vem sendo apresentado na formação profissional dos bibliotecários deste país e, de forma mais aprofundada, como o assunto livro e as novas tecnologias vem sendo tratado nos cursos, por meio da análise da bibliografia da disciplina que tem o livro como seu objeto de estudo principal.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

Demonstrar a importância do livro como tema de pesquisa e ensino universitário.

2.2 Objetivos específicos

- Explorar três aspectos relevantes presentes na trajetória do livro ao longo do tempo:
 - O livro como registro da história
 - O livro como registro do pensamento
 - O livro como objeto tecnológico

- Analisar como esse tema vem sendo abordado nos cursos de biblioteconomia do país;
- Contribuir com a literatura sobre a temática do livro.

3 REVISÃO DE LITERATURA

De acordo com a metodologia adotada, e considerando os diferentes aspectos relacionados ao livro, a revisão de literatura apresentada a seguir inclui tópicos que buscam embasar e justificar a importância do livro como objeto de estudo.

3.1 O livro como registro da história: evolução dos suportes e da escrita

No decorrer da história da humanidade o homem foi sucessivamente criando instrumentos que pudessem suprir suas necessidades. Foi o que aconteceu quando se manifestou o anseio de registrar e comunicar o conhecimento relacionado às suas atividades do dia a dia. Assim foram surgindo os registros nas paredes das cavernas por meio de desenhos e símbolos. Com a gradual transição do registro pictórico das cavernas para a invenção da escrita, os suportes foram evoluindo, da pedra para as tabuinhas de barro e argila, depois para papiros e pergaminho e até chegar ao papel e o suporte mais atual, o meio eletrônico. Sendo assim, a história do livro é duplamente conectada à história da escrita e à história humanidade.

Da necessidade de registrar as atividades origina-se uma das importantes criações da humanidade, o livro. Com o nascimento da escrita surgem pequenos documentos gravados e desenhados em pedra, metal e osso, até mesmo em folhas e cascas de árvore. Porém, segundo Escolar (1977), os primeiros livros históricos mesmo de registro do pensamento humano foram os já escritos em tabuinhas de argila na Mesopotâmia, em rolos de papiro no Egito e em pedaços de madeira ou em tecido de seda na China, datados de 4000 a.C. Nesta época a função dos textos escritos era de cunho religioso, moral ou político, os textos de valor literário ainda eram passados apenas oralmente por se considerar que estes não tinham valor suficiente para serem transcritos.

A arte rupestre pode ser considerada, segundo Labarre (1981), um passo preliminar, por meio de imagens que foram se tornando símbolos. Com o passar do tempo, da pictografia nascem os velhos sistemas de escrita, como os cuneiformes sumérios, depois mesopotâmios, hieróglifos egípcios, cretomínicos, hititas e caracteres chineses, sendo que estes são os mais antigos tipos conhecidos de escrita, tendo sido criados por volta de 3500 a.C. Tais tipos de escrita já não sugerem apenas objeto, mas também idéias abstratas. Posteriormente, a escrita vai se aproximando da linguagem, surgem sinais fonéticos que são símbolos de sons, como na Índia, depois sistemas silábicos e por fim escritas consonânticas que se desenvolveram no Oriente Médio até chegarem ao alfabeto na Fenícia, por volta do século XVI e XV a.C. No século IX a.C. os gregos adotam este alfabeto e acrescentam as vogais, além de dispor a escrita da esquerda para direita e deste alfabeto originam-se o alfabeto latino e os alfabetos modernos (LABARRE, 1981). Constata-se então que aparecimento do livro está relacionado aos suportes da escrita.

3.1.1 Papiro

Conforme exposto por Escolar (1977), o *volumen*, como ficou conhecido o rolo de papiro, foi a forma do livro utilizado na antiguidade clássica por todos os povos, inclusive pelos gregos e pelos romanos. O rolo de papiro e as tabuinhas de argila coexistiram por mais de dois mil anos e com o passar do tempo tornaram-se predominantes os rolos de papiro, nos quais eram registrados, como exemplo, poemas religiosos, tratados e narrações históricas, normas jurídicas, atos administrativos e comerciais, até rudimentares conhecimentos médicos, agrícolas e astronômicos. A partir do século V a.C. começou a ser desenvolvida, na Grécia, a escrita alfabética, grande marco na evolução da humanidade, que possibilitou uma melhor produção e difusão do livro. Um exemplo importante de registro da época é o dos ensinamentos de Sócrates. Pelo fato de Sócrates ter certa aversão à escrita, seus ensinamentos foram transcritos por Platão e assim foram conservados e passados para a posteridade. Nesta época passou-se a fazer também transcrição generalizada das obras literárias.

3.1.2 Pergaminho

O suporte que sucedeu o papiro foi o pergaminho, criado no século III em Pérgamo. De acordo com Escolar (1977) isso ocorreu na medida em que os ptolomeus se recusaram a fornecer os papiros necessários aos estudiosos da cidade por temerem o crescimento da Biblioteca de Pérgamo e dos bibliotecários eruditos, competindo com a importante Biblioteca de Alexandria, já que os escritos tinham grande valor e eram símbolo de prestígio. Por outro lado, Labarre (1981) expõe, como fator da transição do papiro para o pergaminho, o fato de o papiro ser produzido apenas no Egito enquanto o pergaminho era um material mais acessível e também mais fácil de manusear, guardar, conservar e até mesmo de ser escondido na época das perseguições aos cristãos.

Assim, com o pergaminho, suporte feito com pele de animais, houve a transformação do *volumen* para o códice que era o conjunto de folhas de couro, superpostas e costuradas de um lado, formato este muito parecido com o do livro impresso atual. Na Idade Média, gradativamente o códice foi substituindo os rolos de papiros que tiveram seu fim com os incêndios ocorridos na Biblioteca de Alexandria. Escolar (1977) enfatiza que o códice tinha maior resistência e capacidade de conteúdo, além da conservação do material ser melhor, passando assim a ser muito utilizado na Alta Idade Média européia.

Outro fator histórico que é importante evidenciar é a falta de direitos reservados aos autores e editores na Antiguidade. Labarre (1981) relata que o escritor podia deixar a reprodução do seu texto a vários editores simultaneamente, bem como qualquer possuidor de um livro podia mandar recopilá-lo e até mesmo acrescentar e modificar algo. Por muito tempo os editores ganhavam dinheiro e os autores recebiam glória e renome. E de acordo com Escolar (1977), os livros foram sendo cada vez mais valorizados, principalmente no final da Idade Média. Com o aprimoramento dos copistas e o desenvolvimento da arte, passam a ter encadernações e ilustrações cada vez mais esplendorosas.

3.1.3 Papel

No ano 105 d.C., na China, Ts'aiLuen inventa o suporte mais famoso da escrita e conseqüentemente do livro, o papel. “Triturando-se farrapos, cânhamo, casca de amoreira e outras matérias vegetais, conseguiu-se fabricar uma pasta que, uma vez seca, podia servir de suporte da escrita.” (LABARRE, 1981, p.37). Os chineses fabricavam livros desde mais ou menos dois séculos antes de Cristo. Contudo, esses livros não eram feitos de papel propriamente dito, mas de seda.

De início o papel não consegue competir com o pergaminho, pois era considerado frágil e de durabilidade menor. Segundo Campos (1994), os chineses mantiveram o monopólio do papel por cerca de seiscentos anos. Da China o papel se espalhou pela Ásia, no Japão entrou no século VI, depois começou a ser difundido para os árabes, indo para a costa norte da África, mas é somente no século VIII que chega à Europa, trazido pelos mouros à Espanha. Sua massiva utilização no mundo ocidental começa no século XIV, momento em que o pergaminho começa a ficar escasso no mercado (PAIVA, 2010). Porém, apenas no fim do século XII, o Oriente deixa de deter o monopólio da produção de papel e é substituído pela Europa.

O papel foi de grande importância para o desenvolvimento cultural. Escolar (1977) relata que por ser mais fácil de ser produzido, ser mais barato e de mais fácil acesso, o papel permitiu o desenvolvimento de enormes bibliotecas, como nos países muçulmanos, por exemplo, fazendo com que a ciência antiga, que não era muito conhecida pelo ocidente europeu, fosse traduzida e assim conservada e passada a posteridade.

O papel facilitou ainda a proliferação de textos, incentivando o ensino, permitindo assim um avanço considerável em áreas como a medicina, matemática, astronomia, filosofia, geografia, entre outras. E talvez o maior avanço foi de natureza social, na medida em que passou a ser mais acessível, as cópias eram feitas pelos próprios estudantes universitários ou por profissionais. Cada um desses fatores contribuiu ao incremento na comercialização dos livros, fazendo com que mais pessoas passassem a ter acesso à leitura, e os livros deixassem de ser considerados apenas como uma espécie de obra de arte e passassem a ter importância por sua antiguidade, pela importância do autor, o conhecimento ali presente tornando-se mais importante que sua encadernação e beleza propriamente dita.

3.1.4 Evolução das bibliotecas

A difusão do livro passou a ocorrer mesmo na época helenística, assim como a fundação de várias bibliotecas, como, por exemplo, a já citada Biblioteca de Alexandria que era na realidade duas bibliotecas, a do Museion, centro de cultura grega e lar dos sábios, e que reunia mais de 500.000 volumes, e a de Serápis, que comportava cerca de 43.000. Labarre (1981) destaca que essas bibliotecas possuíam oficinas de escribas tanto para atender as necessidades da biblioteca, como para difusão comercial, e sábios que faziam a revisão dos textos, os quais passavam a ter maior valor que os que eram

recopiados por escravos. Com a destruição da Biblioteca de Alexandria, a biblioteca do Ptolemaionde Atenas passou a ser o grande centro de difusão dos textos.

Um marco da expansão dos livros é o desenvolvimento das bibliotecas, tendo como exemplo, o aumento das bibliotecas privadas no início do Império Romano, onde havia coleções de milhares de rolos. Labarre (1981) cita como exemplo a de Epafroide, que reunia 30.000 e a de Sammonicus com cerca de 60.000 rolos. Os livros eram acumulados não apenas em função de conhecimento e gosto pelos estudos, como também pela sua característica de obra de arte. E, gradativamente, surgem as bibliotecas públicas como a de Roma, fundada em 39 a.C. por Asínio Polião, apesar do projeto ainda ter sido de César. A partir daí outras bibliotecas públicas foram sendo edificadas, sendo que no ano de 370, Roma já contava com 28 bibliotecas públicas.

3.1.5 Imprensa

Com o aumento da demanda de livros, surge a necessidade de acelerar sua produção. Os chineses, também responsáveis pela invenção da imprensa, idealizaram e fabricaram peças de madeira e metal com relevos de letras ou símbolos que poderiam ser impressos em papiros, pergaminhos e em papel. Assim, surge a tipografia, ou seja, a arte e o processo de criação na composição de um texto, e também a xilografia, semelhante à tipografia, que possibilitava fazer reproduções rápidas e em quantidades desejáveis.

De acordo com Labarre (1981), a xilografia foi a primeira solução para este problema. A técnica foi difundida para impressão de tecidos no Egito desde o século IV, no Ocidente em meados do século XIII e foi adaptada para impressão do papel pelos chineses por volta do século IX. A principal produção foi de caráter religioso, tendo sido muito praticada nos conventos. Mas a xilografia era um processo longo e delicado, os caracteres tinham que ser gravados página a página, caracteres um a um.

A xilografia teve sua importância, entretanto o marco principal da produção de livros se deu em 1448 quando Gutenberg criou os tipos móveis de metal (ou prensa de tipos móveis), ou seja, a primeira impressora. Assim, os livros passaram a ser produzidos em série. Por meio desses tipos móveis, o livro ganhou a aparência que tem hoje. O papel tornou-se o suporte ideal para o desenvolvimento da tipografia, desenvolvida mediante tinta e técnicas especiais para este suporte, e este tipo de impressão por meio de caracteres metálicos.

Araújo¹ reforça também que a invenção da imprensa de Gutenberg foi fundamental para o processo de democratização da informação permitindo a produção do livro em larga escala. Dentre todos os suportes utilizados para escrita, o livro impresso feito de papel tornou-se mais que um simples registro do pensamento, ele permitiu que a população tivesse acesso a informações, tornou o conhecimento mais acessível, foi fundamental para a difusão da leitura no mundo, incentivando o ensino e

¹ ARAÚJO, Felipe. História do livro. InfoEscola, 2017. Disponível em: <http://www.infoescola.com/curiosidades/historia-do-livro/>.

facilitando o desenvolvimento de bibliotecas. (ESCOLAR, 1997). Segundo Silva (2012, p.18) a invenção da imprensa que deu origem ao livro impresso como se tem hoje “modificou o modo de pensar da sociedade à época. A sociedade pré-Gutenberg era uma sociedade com pouco acesso à informação, pois os livros eram caros, vistos como obra de arte pela população e conseqüentemente, quem tinha acesso eram a elite e o clero.”

O surgimento do livro impresso afetou também as atividades chamadas por Labarre (1981) de profissões do livro. Com a impressão, os copistas e livreiros foram perdendo a função de fabricação e de “tráfico” dos manuscritos para a comercialização de livros impressos. Labarre relata que inicialmente essa transição foi complicada, sendo difícil inclusive diferenciar os impressores dos livreiros, pois muitas vezes os impressores trabalhavam para os livreiros, mas também vendiam livros produzidos por eles mesmos. Outra problemática que retardou esta transição, que foi sofrida até mesmo por Gutenberg, era a questão relacionada ao financiamento, pela necessidade de matéria prima para produção do livro. Contudo a questão foi sendo contornada por meio de investimentos de, por exemplo, ricos mercadores e grandes famílias de livreiros.

Desta forma, na medida em que foi se dando a consolidação do livro impresso, passou a surgir outra profissão, a do editor, que trabalhava com o impressor, mas que “assumia as responsabilidades comerciais, subvencionando a fabricação e assegurando a venda” (LABARRE, 1981, p.67). Profissão esta que se mantém forte até hoje no mercado livreiro.

Assim, o livro como mercadoria, e o constante aumento da comercialização, bem como da concorrência, passam a exigir legislação específica voltada à proteção comercial. No século XVI, por exemplo, em toda Europa foi concedido ao editor de determinada obra o privilégio que proibia que outra pessoa publicasse a mesma obra durante certo tempo. E com o passar do tempo, com a evolução da imprensa, a procura dos editores por obras novas e sua publicação motivam o surgimento de legislação também voltada ao direito autoral de forma mais específica. Em seu texto Escolar (1977) relata a necessidade da legislação específica para o livro:

Em uma sociedade de consumo, como a que nos coube viver, os aspectos econômicos predominam sobre quaisquer outros valores. Nela, o livro vale, não por aspectos estéticos ou morais, pelo consolo ou satisfação que possa levar os leitores, mas principalmente por sua possível rentabilidade, como produto comercial que é. Daí que os problemas do livro informativo, o de consulta ou o de caráter científico e técnico, sejam os que mais preocupam as autoridades. (ESCOLAR, 1997, p. 29).

A Revolução Industrial, no século XIX trouxe para produção do livro, segundo Labarre (1981), um desenvolvimento extraordinário. Foram surgindo novos tipos de prensas que substituíram as antigas da época de Gutenberg, a prensa metálica, a prensa de rolos, a prensa de pedal, e por fim, a prensa mecânica e a prensa a vapor. Essas novas

máquinas possibilitaram um grande aumento na velocidade da produção e assim diminuíram os preços, tornando o produto mais acessível. Outro fator importante foi a mudança da matéria-prima do papel do trapo para as fibras vegetais, depois para palha, até chegar enfim à “pasta de madeira”, o que tornou a matéria-prima do livro mais abundante.

De acordo com Zilberman (2001), além da produção industrial do papel, que auxiliou ainda mais a fabricação em larga escala, outro marco importante dos avanços ocorridos com a revolução industrial foi o surgimento de novos processos de impressão, o nível das artes gráficas subiu de patamar dando início a utilização também de processos fotográficos na ilustração de livros. Tais processos revolucionaram a indústria do livro barateando o custo da produção dos livros ilustrados. E por fim, no final do século XIX, o livro ganha o formato atual composto por capa, lombada e miolo.

Fica perceptível, por meio da história, a importância social e econômica do surgimento da imprensa, sendo um marco não só para história do livro, como também, para história da humanidade. De acordo com Zilberman (2001), os tipos móveis de metal desenvolvidos por Gutenberg fizeram com que as informações chegassem mais rapidamente e para mais pessoas, pois além de facilitarem a produção de livros, passou a ser produzido também o jornal que com o avanço da tecnologia de impressão, tornou possível a publicação com periodicidade diária desse meio de comunicação. O jornal, assim como é relatado por Almeida:

[...] realmente pode ser considerado como a grande novidade resultante da criação da impressão, pois esse instrumento, cujo espécime mais antigo e próximo ao que se conhece hoje foi o *London Gazette* (lançado em 1665 na Inglaterra), estimulou a alfabetização e barateou o acesso da leitura para “as massas”. (ALMEIDA, 2007, p.40).

A imprensa periódica facilitou ainda mais o acesso à informação. O jornal, um veículo mais fácil e rápido de se ler, traz à população um conhecimento diário, e as revistas, o conhecimento progressivo, por vezes mais específico, como o conhecimento científico de determinada área produzido nas universidades. O surgimento da imprensa periódica foi de muita relevância para disseminação da informação, mas isto não fez com que o livro perdesse seu valor. A inovação resultante de um processo evolutivo não necessariamente determina o fim do objeto anterior. O livro continuou representando a consolidação do conhecimento.

A invenção da imprensa foi de extrema importância para a história do livro, para o registro da história e para a disseminação do conhecimento. Escolar (1977, p.24) ressalta que “três idades históricas foram, necessárias para a criação do livro em sua forma atual: a Idade Antiga idealizou o códice; a Idade Média apresentou o papel como material para escrita e a Idade Moderna nos deu a imprensa.”

Por meio deste levantamento histórico faz-se visível que todos os suportes e sua evolução foram fundamentais para o registro da história da humanidade. Por mérito dos livros e das bibliotecas, como a Biblioteca de Alexandria, as grandes criações intelectuais filosóficas, científicas e literárias gregas e romanas, bem como os registros do pensamento humano em geral, foram preservadas e passadas adiante. Importância essa que o livro tem até hoje.

A própria evolução da sociedade aliada à evolução da imprensa fez com que o livro ganhasse cada vez mais espaço na sociedade devido ao aumento do número de universidades, bibliotecas, bem como de leitores em geral. Porém, com isso surgem também algumas dificuldades, de acordo com Escolar (1997), devido aos livros impressos ocuparem bastante espaço, gerando problemas de localização e manuseio.

Devido a essas questões, a sociedade passa a sentir a necessidade de descobrir novas formas que ocupem um menor espaço e que favoreçam também um manuseio mais rápido, e com o passar do tempo, já no século XX, vão surgindo recursos audiovisuais como os citados por Kama (2016, p.36) “CD-ROMs, DVDs, dispositivos, VHS, memórias flash, dentre outras, que entraram no mercado editorial livreiro no século XX”.

São também do século XX os meios de comunicação social como o rádio e a televisão. E apesar de na época muitos acreditarem que a difusão dos recursos audiovisuais provocaria o fim do livro impresso, Escolar (1997) relata em seu texto que esta ideia da substituição total do livro pelos recursos audiovisuais foi aos poucos superada, percebendo-se que um recurso não substituiria o outro e que poderia ser visto mais como algo complementar.

O rádio, a TV e o jornal, juntamente com o livro são quatro grandes fontes de informação, tem o seu público e atuam sobre ele diariamente, por meio de mensagens selecionadas buscam disseminar determinados pensamentos e comportamentos. Entretanto, Escolar (1997, p.34) enfatiza que “o livro, ao contrário, é procurado pelos que desejam firmar sua personalidade independente e firmar critérios próprios”, tendo assim o seu lugar e papel fundamental como registro da história e suporte do pensamento. E atualmente, com a evolução tecnológica, o livro vem ganhando novo formato e ocupando novos espaços.

3.2 O livro como registro do pensamento

O livro, além de ter sido um importante suporte para o registro e transmissão da história da humanidade, é também de suma relevância para o registro do pensamento. Graças a estes registros tem-se acesso ao conhecimento produzido pelo homem desde o início das civilizações. Nardino e Caregnato (2005) também enfatizam esta importância:

Por séculos o livro tem servido de suporte para o registro do conhecimento da humanidade. Graças à aplicação do conhecimento adquirido, o homem tem evoluído e buscado o aperfeiçoamento de suas atividades nos diversos segmentos da sociedade. Assumindo

inúmeros suportes ao longo do tempo, talvez tenha sido o livro impresso aquele que tenha conseguido mais popularmente tornar acessível esses registros. (NARDINO; CAREGNATO, 2005, p. 382).

Por meio dos registros dos conhecimentos desenvolvidos pelo homem ao longo da história da humanidade, é notável o avanço intelectual que o ser humano teve após a invenção da escrita. Passou a ser possível catalogar e compartilhar as suas descobertas. Graças aos conjuntos de obras escritas e organizadas em livros foi possível, por exemplo, que os hebreus formassem, por meio de livros conhecidos como Pentateuco, as bases do cristianismo ocidental e que os fenícios, a partir de escritos, contribuíssem para as técnicas de navegação.

O ser humano continua sofrendo influências das ideias de seus antepassados, em alguns casos teorias são modificadas, outras têm ideias e descobertas acrescentadas. Desta forma, por meio da escrita e da consolidação do conhecimento em livros, registros passados a posteridade, a humanidade vai evoluindo.

A filosofia é um bom exemplo, sendo até hoje calcada nas letras escritas por filósofos da antiga Grécia e da Alemanha dos séculos XIX e XX. Mas vale ressaltar a dicotomia existente, na Grécia antiga, entre a fala e a escrita. Filósofos pré-socráticos, e até mesmo Sócrates tinham certa aversão à escrita, dava-se muito valor a oralidade a partir da crença de que a fala leva à verdade. A sociedade grega em si manteve por muito tempo a cultura de acordos e interações orais. A palavra de uma pessoa era considerada de maior valor e mais digna de confiança que a escrita (KAMA, 2016).

No entanto, Platão, aluno de Sócrates, traz um novo pensamento, percebe a importância da escrita para se registrar as falas que construía determinados pensamentos, para assim poder melhor estudá-los, analisando a suas semelhanças e diferenças. A maioria das aulas e teorias de Sócrates é conhecida graças aos registros feitos por Platão. Aristóteles também seguiu o mesmo pensamento de Platão, de que a escrita era um meio essencial ao compartilhamento do pensamento filosófico, e com isso passa a registrar os debates e ideias possibilitando o processo de construção contínua do pensamento. Estes registros constituem base para filosofia até hoje. Labarre (1981) enfatiza os benefícios que a ação de registrar informação, tal como feito por Platão, Aristóteles, ou pelos hebreus e fenícios, trouxeram às gerações posteriores.

Outros grandes exemplos de registros que foram de grande importância e exercem influência na sociedade até hoje, são os registros religiosos. Em seu livro, *Livro: uma história viva*, Lyons (2011) relata que o livro foi base de religiões como o cristianismo, o judaísmo e o islamismo, conhecidas como religiões abraâmicas, religiões estas que possuem semelhanças, como o fato de serem monoteístas e centradas em livros sagrados.

O judaísmo, por exemplo, originou-se da Bíblia Hebraica e da Torá, que é o livro mais sagrado do judaísmo, pois contém o texto dos cinco livros de Moisés (Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio), relatando, por exemplo, a

criação do mundo, a história de Abraão, a libertação dos filhos de Israel do Egito e os mandamentos e instruções que segundo o judaísmo tradicional, foram dadas a Moisés. Lyons (2011) cita a tradição dos judeus de lerem o Pentateuco, como os livros da Torá são conhecidos em grego, que sempre eram manuscritos em rolos de pergaminho duplo. Escrituras sagradas estas que além de serem a base do judaísmo, ilustrando sua história, crenças, tradições e valores, também influenciaram outras religiões, como o cristianismo e o islamismo.

No islamismo, o livro sagrado é o Corão, também conhecido como Alcorão. Este livro é tido pelos fiéis do islamismo como o registro das revelações das palavras de Deus ao profeta Maomé. Segundo as escrituras, aos 40 anos, Maomé começou a receber revelações de Deus e as foi passando, por meio de prosa rimada, aos seus seguidores que memorizavam e recitavam os versículos para os outros e assim essas informações foram sendo transmitidas por gerações oralmente. Até que um califa chamado Abu Bakr, com receio que esta tradição oral se perdesse, iniciou a organização e a compilação sistemática das palavras de Maomé por escrito. O volume completo mais antigo é datado em meados do século IX (Lions, 2011).

O Corão é considerado o livro mais amplamente lido em sua língua original. Lyons destaca que sua extensão era semelhante ao Novo Testamento, “é escrito em árabe clássico, é lido da direita para a esquerda, sem letras maiúsculas e nem pontuação” (Lyons, 2011, p. 48). Os muçulmanos utilizaram para o Corão o formato de códice, com folhas costuradas ou mantidas soltas em caixas. O livro, na tradição islâmica, é tido como um objeto que deve ser tratado com o máximo respeito.

O cristianismo tem suas origens registradas na Bíblia Hebraica, no entanto tornou-se uma religião independente do judaísmo, apresentando suas próprias práticas e credos. Os cristãos têm como base os livros do Antigo e do Novo Testamento, divisão da história em antes e depois de Cristo que formam a Bíblia Cristã, ou seja, tendo sua fé centrada nas revelações de Deus aos profetas, antes do nascimento de Jesus, e na vida e ensinamentos de Jesus Cristo. O cristianismo teve grande influência na história do livro, sabendo-se que durante a Idade Média, a igreja Católica monopolizou a produção de livros. Segundo Vicentino e Dorigo (2002), os monges copistas eram os poucos indivíduos que tinham uma cultura letrada, assim dedicando uma vida inteira às cópias de manuscritos e por meio deles foram sendo preservadas as bases da fé cristã e tantos outros conhecimentos da época. A Bíblia é considerada um dos livros, e por alguns autores, até mesmo o livro mais importante da história e até hoje o mais conhecido em todo mundo. Sua importância é tamanha que foi escolhida, por Gutenberg, para ser o primeiro livro impresso na história.

Além da importância para a filosofia e para as questões religiosas, a Antiguidade foi berço de grandes descobertas para áreas como a astronomia, matemática, a física e a medicina. Da Antiguidade ao Renascimento, surgiram grandes pensadores como Pitágoras, Galileu Galilei, e Leonardo da Vinci. Os registros de suas descobertas e pensamentos trazem até hoje contribuições para a ciência.

Leonardo da Vinci (1452-1519), por exemplo, deixou por meio de seus registros contribuições imensurável à ciência. O grande polímata, que viveu entre o fim da Idade Média e o Renascimento, era pintor, escultor, músico, cientista, arquiteto, engenheiro, matemático, inventor e ainda atuou na medicina como um “artista-anatomista”. Da Vinci foi um artista-inventor de criações impressionantes e descobertas importantíssimas (SILVA, 2013).

Como pintor, ele tem obras como a *Mona Lisa* e *A Última Ceia* que são uma referencia para arte do mundo inteiro. É considerado um dos maiores e mais antigos nomes da pintura mundial, suas obras foram uma grande influência para técnicas e estilos que surgem posteriormente. Possui estudos nas áreas de matemática, de física, sobretudo nas áreas da hidráulica e da óptica, até mesmo em suas pinturas e desenhos são visíveis os elementos matemáticos. Em sua produtiva faceta de engenheiro e arquiteto, projetou edifícios, pontes e cidades inteiras, além de criar técnicas de construção válidas até hoje, quase cinco séculos após sua morte.

Além de todos esses estudos, que contribuíram para diversas áreas do conhecimento, Silva (2013) destaca a imensa contribuição de Da Vinci para medicina. Ele foi responsável por um dos levantamentos mais impressionantes de anatomia para entender o funcionamento de órgãos, do esqueleto, dos músculos e tendões. Leonardo baseou seus estudos nas obras de autores da medicina pré-renascentista, como Galeno de Pérgamo (129-200), Mondino dei Luzzi(1270-1326) e Avicena (980-1037). Com base nos registros desses autores, Leonardo iniciou seus estudos e, ao longo de quinze anos, se dedicou a desenhar órgãos e elementos dos sistemas anatomofuncionais do corpo humano que impressionam pelo realismo nos detalhes, em seus cortes, ângulos e respeito pela proporcionalidade baseando-se no que via em processos de dissecação de que participou.

Silva (2013) destaca ainda a importância e implicações dos seus estudos futurísticos e anatômicos mesmo com todas as limitações presentes nos séculos XV e XVI. Sua visão renascentista agrega ainda mais valor aos seus mais de 1200 registros do corpo humano feitos em uma época em que as questões religiosas e culturais impediam o homem de explorar e entender o próprio corpo.

Apesar da importância de suas obras, Leonardo não chegou a publicá-las. Segundo pesquisadores, se isso tivesse sido feito poderia ter revolucionado a medicina mais de 20 anos antes do belga Andreas Vesalius, considerado o “Pai da Anatomia”. Muitos de seus trabalhos ficaram desaparecidos por vários séculos, percorreram vários caminhos até serem encontrados por pesquisadores e assim serem traduzidos em importantes universidades e disseminados para o mundo já no fim do século XIX (SILVA, 2013). Mostra-se assim um bom exemplo da importância do registro e disseminação do pensamento.

Lyons (2011, p. 7) em seu livro sobre a história do livro relata que “hoje é difícil imaginar como alguns dos momentos decisivos da história ocidental poderiam ter ocorrido sem ele [o livro]” e cita, a título de exemplificação, que “o Renascimento, a

Reforma, a Revolução Científica e a era do iluminismo valeram-se todos da palavra impressa para sua difusão e influencia permanentes”. Diante destes e muitos outros exemplos de registros do pensamento que influenciaram a história da humanidade, torna-se inequívoca a importância do livro em diferentes momentos históricos e contextos.

3.3 Livro como objeto tecnológico

3.3.1 O livro

Na história, o livro passa por várias mudanças em sua fabricação e em seu uso. A história do livro por vezes se confunde com a história de seu suporte: na Idade Antiga têm-se as tabuletas de argila ou pedra, depois os papiros (volumen) e os pergaminhos (códice); na Idade Média, o papel, e na Idade Moderna, o livro de bolso. Todos esses suportes, bem como sua evolução, foram essenciais para o registro da história e do pensamento.

Com a criação da imprensa e a produção em massa, na Idade Moderna torna-se possível que a população tenha acesso a esses registros. A invenção foi um grande marco para história do livro. Além da importância no processo de disseminação da informação, foi responsável pela consolidação da forma material do livro como o conhecemos hoje, formato este que já perdura há mais de cinco séculos.

A partir da primeira metade do século XX, com as novas tecnologias, como o surgimento dos computadores, de acordo com Lyons (2011, p.167), inicia-se a revolução digital que vem trazendo “uma completa transformação na maneira como transmitimos, consumimos e interagimos com os textos”. Desse modo, trouxe também novas formas ao livro. Surgem os e-books (livros eletrônicos) e com eles novos dispositivos portáteis de leitura.

Desse modo, com a revolução digital passou a se questionar a existência do livro. "Na metade do século XX, não temos certeza de que [o livro] possa ainda por muito tempo continuar a desempenhar seu papel, ameaçado como está por tantas invenções baseadas em princípios totalmente diferentes" (MARTIN; FEBVRE, 1992, p.14). Porém esses questionamentos tendem a restringir o conceito de livro apenas em relação ao seu suporte e sua forma que se consolidou, a partir do século XV, com o modelo da imprensa de Gutenberg.

À vista disso, em seu artigo *Fim do livro?*, Machado (1994) ressalta a importância da desconstrução da ideia de que livro é necessariamente livro impresso, sobretudo impresso em papel. Chama-se de livro atualmente o que, na verdade, é uma derivação do modelo do códice cristão, e por conta da própria questão cultural é difícil pensar o livro como algo diferente. Por isso, diante das atuais inovações tecnológicas, é importante salientar que o livro pode adquirir outras formas sem deixar de existir, como vem acontecendo no decorrer de sua história.

No início da revolução digital, novos formatos e conteúdos são colocados à mão do consumidor e do leitor. Surgem novas mídias, como CD-ROMs, DVD, VHS, entre outros. Segundo Labarre (1981), esses dispositivos acabaram sendo usados mais como acessórios do principal suporte e meio de informação, o próprio livro. O jornal, o rádio e a televisão, também não apresentaram perigo para existência do livro impresso, de acordo com Borges (2000). Em vez de se excluírem, potencializaram-se, mutuamente. Entretanto, é importante salientar que o livro eletrônico, as novas tecnologias, formas e suportes da informação, vêm revolucionando a sociedade.

3.3.2 A sociedade

A Revolução Industrial ocasionou mudanças muito significativas, que, conseqüentemente, também afetaram o livro. A sociedade industrial passou a contar, segundo Carvalho e Kaniski (2000, p.34), com “máquinas e ferramentas, trabalhadores especializados, produção em série, energia, entre outros”. Com o aprimoramento do modelo de imprensa inventada por Gutenberg e a criação da máquina a vapor, o livro passou a ter sua produção em massa, ganhando uma escala industrial. A sociedade industrial era voltada à produção de bens materiais.

Entretanto, com a própria evolução da sociedade foram surgindo outras necessidades e novos pensamentos. A sociedade pós-industrial, como relatada por Carvalho e Kaniski, “consolida-se na experiência organizacional, no investimento em tecnologia de ponta, nos grupos de especialistas, na produção modular, na informação, isto é, na geração de serviços e na produção e transmissão da informação” (CARVALHO; KANISKI, 2000, p.34).

Diante deste contexto social, segundo Borges (2000), ocorre a transição da sociedade industrial para a sociedade da informação e do conhecimento. O advento da era da informação e tecnologia traz mudanças paradigmáticas do ponto de vista social, econômico, cultural, político, tecnológico, entre outros. Os primeiros passos para tecnologia da informação começam a partir da década de 50 do século passado e ganham força com investimentos militares. Assim, a partir dos estudos de pessoas como Steve Jobs e Bill Gates são criados, na década de 70, computadores pessoais e softwares que revolucionaram a história da humanidade.

Borges (2000) enfatiza também a importância da evolução tecnológica para as questões de tempo e espaço, ideias que são modificadas, principalmente após a Internet, que possibilita o acesso a informações, a partir de qualquer ponto do globo, em tempo real e sem necessidade de deslocamento. O mundo virtual potencializa as relações interpessoais, facilita a aprendizagem, bem como a disseminação de ideias. A partir disso, é levantado por Borges ainda um interessante questionamento, nos anos 2000, a respeito de como o uso de tecnologias afetaria o modo de vida de um povo, questão esta que se torna visível ao se observarem as mudanças nos modos de vida da sociedade atual.

Com a velocidade com que surgem novas tecnologias, fica cada vez mais difícil prever o futuro da sociedade informacional. A tendência a modernizar tecnologicamente os meios de comunicação e informação só vem aumentando com a velocidade que a sociedade evolui, tornando urgente a busca pela informação. Mudanças estas que vem facilitando e tornando cada vez mais eficiente o acesso à informação. Entretanto, Silva (2012) afirma que com tantas mudanças surge também a preocupação quanto a possíveis efeitos da tecnologia na identidade cultural da sociedade. Necessita-se de um controle para que não haja efeitos prejudiciais, mas também é clara a grande quantidade de benefícios que esta valorização da informação e do conhecimento aliados a novas tecnologias tem trazido à sociedade.

3.3.3 A tecnologia

A criação dos computadores pessoais e softwares na década de 70 e o início da democratização da Internet na década de 90 marcaram o início de uma nova era na sociedade. Assim como os computadores, segundo Monteiro (2001), a Internet também é criada com o objetivo de facilitar a comunicação militar durante a Guerra Fria.

O uso da Internet foi se difundindo aos poucos na sociedade devido aos altos custos existentes no início para comprar um computador e usar a Internet discada. Mas logo a demanda por acesso à rede foi crescendo, investiu-se maciçamente em novas tecnologias. Até hoje o objetivo é ter uma rede com conexão cada vez mais rápida e segura, e com isso o acesso ao público foi sendo facilitado.

A Internet, segundo Lyons (2011, p.167), “colocou ao alcance de nossas mãos uma quantidade de conhecimento sem precedentes, criando novas e excitantes possibilidades, além de colocar novos desafios para autores e editores”. É considerado um divisor de águas também para disseminação da informação e deu origem ao livro eletrônico. Com a crescente evolução tecnológica passou a ser possível a digitalização de obras e a invenção de uma ferramenta que pode ser considerada uma evolução do suporte da escrita, o *e-book reader*. Ferramenta esta que trouxe discussões a respeito do futuro do livro impresso.

3.3.4 O livro eletrônico

Diante de tantas mudanças na sociedade em consequência das novas tecnologias, o livro não ficaria de fora, foi ganhando um novo formato chamado livro eletrônico, ou o termo mais utilizado atualmente, *e-book*. Formato este, segundo Furtado (2010), que se insere na herança de cinco séculos de “cultura do livro”, tratando-se de uma evolução de seu suporte, mas trazendo novas possibilidades. Com isso a importância passa a não ser mais centrada no livro em si, mas em seu conteúdo, independente de seu formato.

Apesar do livro eletrônico ainda ser um assunto em debate, não é algo tão recente. Segundo Procópio (2010), ele vem sendo idealizado desde o século passado, entretanto a comercialização, sim, é algo que veio se consolidando só a partir do início deste século.

O engenheiro e cientista, Vannevar Bush, na época diretor do Departamento de Pesquisa e Desenvolvimento Científico dos EUA, é considerado por muitos autores, o primeiro a idealizar o que no futuro deu origem ao livro eletrônico e, de acordo com Serra (2015), apresentou também conceitos de biblioteca digital e *hiperlink*. Bush (1945) enfatizava a importância do compartilhamento do conhecimento humano, o que, segundo ele, torna as pesquisas úteis, os resultados acessíveis e assim possibilitando o seu aperfeiçoamento e por muitas vezes até a concretização de certas ideias.

Com isso, Bush destacava a necessidade de inovações no processo de registrar, armazenar e consultar as informações. Inovações estas que seriam idealizadas pelos cientistas e que melhorariam a forma de utilizar as informações contidas em suas pesquisas. Em seu artigo *As we may think* (Como podemos pensar) publicado na *Atlantic Magazine*, logo após a Segunda Guerra Mundial, em 1945, Bush enfatiza estas ideias:

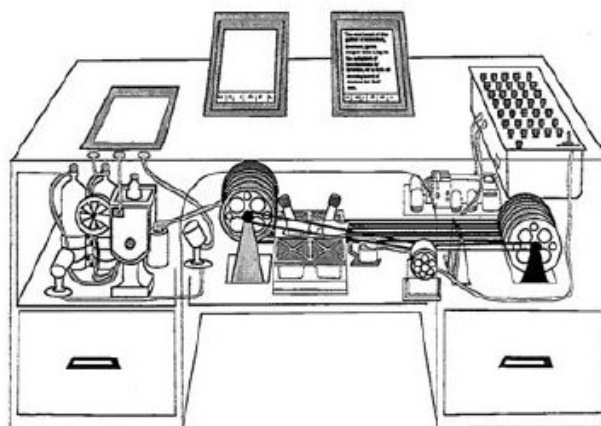
Se, desde a invenção dos tipos móveis, a raça humana produziu um acervo total, em forma de revistas, correspondências, livros, folhetos publicitários e jornais, equivalente a um bilhão de livros, tudo isto comprimido poderia ser carregado em uma caminhonete. A mera compressão, naturalmente, não é o bastante; necessitamos não somente registrar e armazenar, mas também consultá-lo [...]. (BUSH, 1945, p.2).

Este artigo é visto como um marco na história do livro eletrônico, pois além de descrever a sua experiência com vários outros cientistas durante a guerra, na qual em prol de uma causa comum, o desenvolvimento de novas tecnologias paramilitares, os cientistas compartilharam seus conhecimentos, mostrando que isto gerou bons resultados e muito aprendizado. Segundo Procópio (2010, p.23), o Dr. Vannevar Bush com a publicação deste artigo tinha como objetivo apresentar o Memex, “[...] primeiro protótipo de uma máquina de leitura, cujo conceito é muito próximo ao *e-reader* de hoje”.

O Memex, MEMoryEXpanded, seria um dispositivo que armazenaria informações, mostraria livros e documentos depositados em um tipo de microfilme em formatos variados, como, texto, imagem ou som que, como exposto por Serra (2015), poderiam ser acessadas de qualquer lugar, a qualquer momento e de acordo com sua necessidade. Nas palavras de Bush:

Um MEMEX é um dispositivo que permitirá a uma pessoa armazenar todos os seus livros, arquivos, e comunicações, e que é mecanizado de tal forma que poderá ser consultado com grande velocidade e flexibilidade. Na verdade, seria um suplemento ampliado e íntimo de sua memória. (BUSH, 1945, p.6).

Figura 1: Memex



Fonte: O Memex desenhado por Bush²

Assim como é relatado por Serra (2015), o Memex, representado na Figura 1, foi idealizado como uma mesa na qual os documentos seriam acessados através da colocação do microfilme em um compartimento, este dispositivo trataria de forma instantânea os arquivos sobre qualquer assunto, o usuário abriria e visualizaria as informações em duas telas ao centro da mesa que permitiram fazer busca e leitura, e ainda um mecanismo a esquerda seria um *scanner* que possibilitaria a digitalização de documentos, assim criando novos arquivos que seriam armazenados em memória. Além disso, de acordo Reis e Rozados (2016), ainda seria possível fazer comentários, indexação associativa, atalhos associativos e *links* entre os documentos.

Ainda segundo Reis e Rozados (2016), a semelhança do dispositivo idealizado por Bush com os computadores, com a ideia do que é hoje a World Wide Web (WWW), com os leitores e *e-books* atuais é muito grande, por isso Bush é considerado o idealizador teórico do *e-book*.

Outro marco na história do livro eletrônico é o Projeto *Gutenberg*, que, segundo Serra (2015, p. 35), é considerado a primeira plataforma de distribuição de livros eletrônicos. Criado por Michael Hart em 1971, o Projeto Gutenberg buscava digitalizar livros em domínio público, arquivá-los e disponibilizar gratuitamente. Como exposto em seu site Projeto *Gutenberg*³, trata-se da primeira e a maior coleção unitária de livros eletrônicos gratuitos.

Hart iniciou com a digitalização da *Declaração de Independência* dos Estados Unidos e atualmente, de acordo com o próprio site do Projeto *Gutenberg*, em sua versão

² Imagem publicada na Life Magazine, v.19, n.11, 1945. Disponível em: <http://longstreet.typepad.com/thesciencebookstore/2009/10/the-history-of-the-internet-remembering-vannevar-bush-and-the-memex-1945.html>

³<http://www.gutenberg.org/>

em inglês, o projeto conta com cerca de 56.000 livros eletrônicos, que são disponibilizados gratuitamente em formato *Epub* ou em formato *Kindle* para baixar ou ler online. Destes, 523 obras são em português.

De acordo Reis e Rozado (2016), o projeto é considerado a biblioteca digital mais antiga do mundo e foi o primeiro passo para que a ideia do livro eletrônico se tornasse realidade. Relata que sua criação tinha como objetivo encorajar a criação e distribuição de e-books e ainda nos dias atuais serve de inspiração para criação de livros eletrônicos e tecnologias com estes relacionadas.

Apesar de não ser um conceito tão recente, como relatado acima, algumas questões a respeito do livro eletrônico ainda são discutidas por vários autores. Como é, por exemplo, exposto por Procópio (2010), o qual diz que os dispositivos eletrônicos de leitura, os possíveis padrões, as tendências, o livro e suas nuances e os direitos autorais ainda são objeto de discussões. Para Martin e Quan-Haase (2013), a diferenciação do texto digital do dispositivo que está sendo usado para visualizá-lo ainda gera também certa confusão.

Por conseguinte, o termo livro eletrônico ou *e-book* também não tem uma definição oficial. Furtado (2010) destaca que este termo vem sendo usado para “um livro codificado em formato eletrônico; o formato eletrônico em que o texto é convertido ou criado; e o dispositivo de leitura dos textos digitais ou digitalizados”. Procópio (2010) defende que o *e-book* pode ser dividido em o *software reader*, o dispositivo de leitura portátil e o livro em si.

Assim, os termos *e-book* e livro eletrônico são usados como sinônimos e conhecidos também como livro digital, *eletronic book*, *interactive book*. Reis e Rozados (2016), ao fazerem uma revisão bibliográfica sobre as definições de *e-book* apresentadas por alguns autores e dicionários, mostram que ainda não há um consenso, mas que a maioria entende o *e-book*, abreviação inglesa de *eletronic book*, como um livro em formato digital que pode ser lido em equipamentos eletrônicos.

O *Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia* de Cunha e Cavalcanti (2008, p. 233) define livro eletrônico como “O que foi convertido ao formato digital, ou originalmente produzido nesse formato, para ser lido em computador ou dispositivo especial destinado a esse fim”. Mesquita e Conde (2008, p. 3) dizem que “[...] são publicações digitais ou livros eletrônicos e estão disponíveis na web em vários formatos que podem ser descarregados para o computador através de downloads”. De acordo com Serra (2015, p. 38), por meio do levantamento de definições apresentadas em dicionários, como o de Faria e Pericão (2008) e o *Oxford* (2014), livro eletrônico é definido como “[...] uma versão digital do livro, criado já no formato digital ou convertido a esse, e cuja leitura é mediada por equipamentos portáteis ou computadores”. E como já mencionado, Procópio (2010, p. 45) apresenta o *e-book* como sendo o *software reader*, o dispositivo de leitura portátil e o livro em si.

Estes são exemplos de algumas das definições mais aceitas. Assim como exposto por Reis e Rozado (2016), observa-se a partir dessas definições, que elas se complementam, mas que ainda precisam ser expandidas, bem como que a maioria dos autores aqui citados entendem o livro eletrônico no geral como um livro em formato digital. A dificuldade de se estabelecer uma definição dá-se também pela falta de normalização sobre o tema.

Assim como é exposto por Serra (2015), a legislação brasileira vigente que institui a Política Nacional do Livro é apresentada através da Lei 10.753, de 30 de outubro de 2003. O artigo 2º que traz a definição de livro e define o que é equivalente a ele, trata o livro digital ainda só como um meio digital para utilização exclusiva de pessoas com deficiência:

Art. 2º Considera-se livro, para efeitos desta Lei, a publicação de textos escritos em fichas ou folhas, não periódica, grampeada, colada ou costurada, em volume cartonado, encadernado ou em brochura, em capas avulsas, em qualquer formato e acabamento.

Parágrafo único. São equiparados a livro:

I - fascículos, publicações de qualquer natureza que representem parte de livro;

II - materiais avulsos relacionados com o livro, impressos em papel ou em material similar;

III - roteiros de leitura para controle e estudo de literatura ou de obras didáticas;

IV - álbuns para colorir, pintar, recortar ou armar;

V - atlas geográficos, históricos, anatômicos, mapas e cartogramas;

VI - textos derivados de livro ou originais, produzidos por editores, mediante contrato de edição celebrado com o autor, com a utilização de qualquer suporte;

VII - livros em meio digital, magnético e ótico, para uso exclusivo de pessoas com deficiência visual;

VIII - livros impressos no Sistema Braille. (BRASIL, 2003, grifo nosso).

Com objetivo de atualizar e dar novo entendimento ao livro, o Projeto de Lei nº 4.534, de 10 de outubro de 2012, de autoria do Senador Acir Gurgacz (PDT-RO) ainda está aguardando parecer do relator na Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania. Este Projeto de Lei prevê a atualização do texto do artigo 2º da Lei 10.753/2003 para:

Art. 2º Considera-se livro, para efeitos desta Lei, a publicação de textos escritos em fichas ou folhas, não periódica, grampeada, colada ou costurada, em volume cartonado, encadernado ou em brochura, em capas avulsas, em qualquer forma e acabamento, **assim como a publicação desses textos convertidos em formato digital, magnético ou ótico, ou impressos no Sistema Braille.**

§ 1º São equiparados a livro **os seguintes produtos, impressos, inclusive no Sistema Braille, ou convertidos em formato digital, magnético ou ótico:**

I – fascículos, publicações de qualquer natureza que representem parte de livro;

II – materiais avulsos relacionados com o livro; [...]

§ 2º São também equiparados a livro:

I – periódicos impressos no Sistema Braille **ou convertidos em formato digital, magnético ou ótico;**

II – **matérias avulsas ou artigos autorais, originários de periódicos, desde que impressos no Sistema Braille ou convertidos em formato digital, magnético ou ótico;**

III – **equipamentos cuja função exclusiva ou primordial seja a leitura de textos em formato digital ou a audição de textos em formato magnético ou ótico, estes apenas para o acesso de deficientes visuais.** (BRASIL, 2012, grifo nosso).

Assim como na legislação brasileira, a definição de livro eletrônico ainda é algo que está em discussão. Ainda não há uma definição que seja aceita de forma universal. Reis e Rozado (2016) baseando-se também nessas definições de *e-books*, buscam definir de forma mais completa o livro eletrônico, abordando características ligadas ao livro em si, o software e o dispositivo que constituem um *e-book*. Consideram que:

O e-book, livro eletrônico, digital ou virtual, é um livro que existe exclusivamente em formato digital, não periódico, que necessita de um aparelho leitor e de um software para decodificação que viabilize sua leitura. Pode conter texto, imagem, áudio e vídeo, permite a inclusão de comentários pelo leitor, bem como o controle e ajuste de nuances de brilho, cor e tamanho da fonte. (REIS; ROZADO, 2016, p. 2).

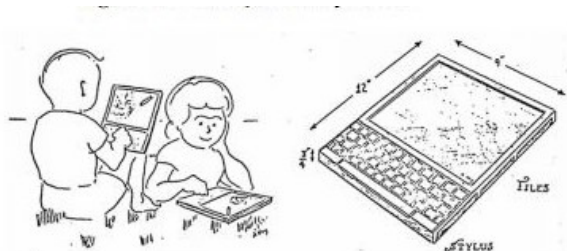
É perceptível a importância de que se estabeleça uma definição padronizada, mas apesar das discussões que ainda rondam este novo formato de livro, os *e-books* já conquistaram seu espaço e apresentam outros fatores, vantagens e desvantagens que precisam ser ponderadas.

O termo livro eletrônico surge em 1967, criado por Andries Van Dam, professor de Tecnologia da Educação e Ciência da Computação da Brown University, nos Estados Unidos, que, segundo Serra (2015, p. 34), pesquisava sobre “sistemas de hipertexto que permitiam (sic) a marcação de elementos textuais para navegação por capítulos, seções de texto, etc.”. Em seguida, em 1968, Alan Kay desenvolve o primeiro dispositivo para leitura, e baseando-se nos conceitos apresentados por Bush criou o *Dynabook*.

A história dos *e-books* é acompanhada pela história e a evolução dos dispositivos eletrônicos de leitura. O *Dynabook*, segundo Serra (2015), foi criado com o objetivo de auxiliar crianças e estudantes no processo de aprendizagem promovendo o acesso a livros de pesquisa, didáticos e demais materiais de estudo através de um

dispositivo portátil que tinha tamanho e formato de um caderno de anotações comum, como mostra a Figura 2. Tal dispositivo possibilitava armazenar e recuperar milhares de páginas de material de referência, poemas, cartas, receitas, partituras, animações, entre outros, permitindo além da leitura de livros em tela, a função da escrita e recursos multimídia.

Figura 2: Dynabook



Fonte: KAY, (1972)

Desse modo, a partir das ideias de Bush e Kay começaram a ser desenvolvidos dispositivos próprios para leitura de *e-books*, os quais, como relatado por Procópio (2010), são conhecidos como *Reading Devices*, *eBooks Devices*, ou o termo mais comum *e-readers*. Ao longo da história, os livros eletrônicos foram usados tanto em computadores como em dispositivos de leitura, mas o surgimento dos *e-readers* contribuiu muito para ascensão dos *e-books* no mercado.

A partir da década de 1990, de acordo com as premissas de Serra (2015), os avanços tecnológicos e a popularização da Internet, com *hiperlinks* conectando ideias e informações, com a facilidade de acesso e transferência ao conteúdo, contribuíram para o desenvolvimento e comercialização dos livros eletrônicos. Diante disso, são lançados então dispositivos para leitura dedicados, como o *Book Man* da Sony em 1992, que, como exposto por Reis e Rozado (2016), se tratava de um pequeno dispositivo, com uma unidade de CD-ROM, memória interna e um pequeno teclado.

Em 1998, são lançados o *Rocket E-book*, que foi considerado o primeiro *e-book reader* de fato, que possuía uma tela luminosa preto e branca, com capacidade para 16MB, e o *SoftBook*, considerado um instrumento para negócio, pois convertia documentos, manuais e documentação técnica para visualização em campo. Tratava-se de um aparelho sensível ao toque, com tela de LCD e capacidade para cinco mil páginas de livros. Posteriormente, tendo em vista a impressão, iniciou-se a oferta de conteúdos em formato PDF (*Portable Document Format*) e no intuito de permitir a ligação de informações, o formato SGML (*Standard Generalized Markup Language*). (SERRA, 2015, p. 43-44; REIS ; ROZADO, 2016, p. 7-8).

Na década de 2000, são lançados o *Sony Reader*, *Kindle* e *Nook*, segundo Mesquita e Conde (2008, p. 3), aparelhos que “permitem a leitura desses livros numa

tela plana de cristal líquido colorido, portátil e com grande capacidade de armazenamento”. Desenvolve-se o formato EPUB (*Eletronic Publication*), para acesso a publicações pela Internet e leitura mediada por computadores, PADS (*Personal Digital Assistant*) ou dispositivos de leitura, fazendo com que a comercialização de *e-readers* e *e-books* aumentasse consideravelmente.

Lançado em 2006, o *Sony Reader*, de acordo com Reis e Rozado (2016), foi o primeiro *e-reader* a possuir tecnologia de tinta eletrônica, *E-ink* ou *ePaper*, que, por não refletir a luz, proporcionou melhor conforto na leitura e bateria de longa duração. O *Kindle* da Amazon, lançado em 2007, é um dos leitores de livros digitais de mais sucesso até hoje, foi o primeiro *e-reader* com conexão a internet - segundo Serra (2015), o sucesso pode ser atribuído à riqueza de títulos da Amazon, que é considerada a maior livraria virtual do mundo - e por possuir facilidade e simplicidade no manuseio do aparelho, bem como na compra e *downloads*. E o *Nook* da livraria Barnes & Noble, além de contar com a tecnologia *E-ink*, leitura de cartão SD, tela colorida e internet *wi-fi*, possui a facilidade dos *e-books* poderem ser emprestados a outros usuários que possuam o mesmo aparelho.

Seguidamente, em 2010, surgem os *tablets*, que além de permitirem o acesso aos livros eletrônicos, são dispositivos que suportam conteúdo de multimídia e de interação, ou seja, como relatado por Serra (2015), funcionam como um computador leve com características dos dispositivos de leitura incorporadas. O *iPad* lançado pela Apple é um dispositivo leve e fino com tela *touch screen*, conexão *Bluetooth*, internet *wi-fi* e 3G e aplicativos exclusivos e o *Galaxy Tab* lançado no mesmo ano pela Samsung possui TV digital, tela *wide screen*, formato anatômico e mais capacidade de memória RAM. Estes dispositivos apesar de não proporcionarem o mesmo conforto de leitura que existe nos *e-readers*, permitem a realização de outras tarefas.

Figura 3: Evolução do livro eletrônico



Fonte: REIS (2013)

A título de exemplificação, Reis e Rozado (2016), na Figura 3 acima, mostram uma linha do tempo com os acontecimentos que influenciaram a evolução do *e-book*. E na Figura 4, tem-se a representação do que, segundo Serra (2015), foram os principais fatores que marcaram a história do livro eletrônico.

Figura 4: Destaques na história do livro eletrônico



Fonte: SERRA (2015)

Como relatado por Darnton (2010, p. 87), o livro eletrônico aparenta ter passado por três estágios: “uma fase inicial de entusiasmo utópico, um período de desilusão e uma nova tendência que tende ao pragmatismo”. Ou seja, de início tinha-se a ideia de criar um espaço eletrônico no qual tudo poderia ser depositado ali e então caberia aos leitores cuidarem e organizarem. Em seguida, percebeu-se que também não era cômodo para as pessoas ler um livro inteiro na tela de um computador e nem acumular pilhas de folhas impressas. Mas agora o livro eletrônico é visto como algo que veio para complementar o livro impresso tradicional, podendo atender melhor determinados propósitos e públicos.

Reis e Rozado (2016) destacam que após 2010 outros aparelhos foram lançados e que estão cada vez mais modernos, como o *Lev* da Saraiva que veio para competir com o *Kindle*, o *iPad* que hoje em dia é comercializado em quatro versões pela Apple. Assim, atualmente, os aparelhos trazem diversos novos recursos aos usuários, além de apresentarem ao mercado uma diversidade de aparelhos, o que beneficia o consumidor, pois este pode escolher o que está mais de acordo com sua necessidade e fazer comparações de custo-benefício.

Apesar das discussões que ainda rondam o livro eletrônico, é perceptível que o mesmo tem conquistado seu espaço e já faz parte da vida de muito leitores. Diante disso outro fator a ser ponderado é o que diz respeito às vantagens e desvantagens dos *e-books*. Uma das particularidades e praticidade do livro eletrônico é o fato de oferecer a facilidade de armazenamento de vários livros em um único suporte, bem como realizar buscas rapidamente e navegar entre textos multimídias. Chartier (1998) apresenta o *e-book* como um novo suporte que difere bastante de qualquer uma das formas antigas do

livro por permitir formas de usos, manuseios e intervenções dos leitores muito mais livres e numerosos.

O Quadro 1 abaixo mostra outras diferenças, características e benefícios do livro eletrônico expostas também por Procópio (2010, p. 26-27).

Quadro 1: Vantagens do livro eletrônico

| Uso/Acesso/Armazenamento | Intervenções/Interações | Facilidades |
|---------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------|----------------------------------------------------------|
| Acesso a inúmeros títulos | Bloco de anotações | Pesquisa rápida |
| Acesso às Bibliotecas Digitais e livrarias on-line | Marcador de página | Navegação entre textos |
| Criação de Biblioteca Pessoal | Leitura não-linear | Aparelho leve |
| Grande capacidade de armazenamento e memória expansível através de cartões de leitura | Ajuste de luminosidade (backlight) e brilho | Economia de papel |
| Aquisição facilitada | Ajuste de tamanho e tipo de fonte | Conexão sem fio com a internet (wireless) |
| Dicionário relacionado | Rotação de tela | Compatibilidade com diversos aparelhos |
| Contribuição para a educação | Ferramenta para sublinhar trechos | Bateria duradoura |
| Não está suscetível a deterioração por agentes biológicos | Compatível com níveis de segurança (criptografia) | Possui tamanho médio igual ao do livro em papel, 14x21cm |
| Possibilidade de aquisição de obras gratuitas | | Leitura nas nuvens |

Fonte: Adaptado de PROCÓPIO (2010)

Como citado no quadro acima, um dos benefícios dos *e-books* é a contribuição que pode dar à educação. Podendo ser usado na educação de crianças, jovens e adultos, tanto nas escolas e universidades como na aprendizagem a distância. Os livros digitais didáticos podem servir de incentivo aos estudos de crianças e jovens devido à grande atração dos mesmos por tecnologia. E ainda a criação de bibliotecas digitais pode contribuir para disseminação e socialização da informação também no meio estudantil.

Por fim, outros aspectos muito debatidos a favor do livro eletrônico é a questão de preservação ambiental pela economia de papel e em relação ao armazenamento com a economia de espaço físico. Diante disso é visto, como relatado por Reis e Rozado (2016), que o livro eletrônico vem trazendo grandes benefícios ao leitor, possibilitando-lhe conduzir sua leitura e ainda poder escolher o tamanho da letra, cor, *layout*, o brilho da tela, fazer anotações, bem como optar pela não linearidade da leitura até fazendo apenas pesquisas específicas no documento, o que pode ser bem útil para certos leitores. E ainda facilitar o acesso ao documento sem o leitor precisar se deslocar a biblioteca ou livraria, como explanado por Procópio (2010, p.25):

[...] a revolução dos e-books possibilita democratizar o acesso à leitura a um nível ainda mais abrangente e de uma maneira extraordinária. Centenas de livros e documentos importantes, e muitas vezes dispersos, podem ser acessados com um simples clique.

Entretanto, o *e-book* também apresenta algumas desvantagens. A preferência do leitor ainda é um fator que pesa bastante na inserção do livro eletrônico no dia a dia das pessoas, muitos leitores ainda preferem a textura do papel, folhear páginas e até mesmo o cheirinho de livro impresso e o apego ao suporte, além de considerar a leitura do suporte em papel mais confortável, principalmente para livros extensos, por conta do cansaço visual causado pela leitura em tela.

Outra questão a ser considerada são as dificuldades técnicas, pela necessidade de se ter um aparelho para leitura, mesmo podendo ser por meio de um computador, *notebook*, *tablet*, *smartphone* ou de um *e-reader*, aparelho específico para leitura de *e-books*, o leitor também precisa que sua bateria esteja carregada, que tenha um *software* para decodificação e acesso a Internet para poder adquirir novos livros. Isso faz com que o uso de livro eletrônico seja, de certa forma, restrito para uma parcela expressiva da população que, por exemplo, não tem condições de ter algum desses equipamentos ou até mesmo por muitas pessoas ainda terem dificuldade para usar essas tecnologias.

Além de questões técnicas, segundo Reis e Rozado (2016), os custos do aparelho, do *software* e do próprio livro eletrônico ainda são altos, o que o torna muitas vezes impopular para parte da população, como citado acima. E por outro lado, mesmo quem tem recurso financeiro ainda encontra dificuldades em achar muitos títulos, por não serem disponíveis em formato eletrônico devido ao controle comercial feito pelas próprias editoras, não dando, muitas vezes, ao leitor a opção de escolher entre o formato impresso ou eletrônico de determinadas obras.

Quadro 2: Desvantagens do livro eletrônico

| Limitações impostas | Limitações pessoais |
|----------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------|
| Intermediação de aparelho de leitura | Preferência do leitor pelo formato impresso |
| Intermediação de software para leitura | Leitura cansativa |
| Inexistência de interoperabilidade entre os formatos de livros eletrônicos e aparelhos | Comercialização somente via internet, prejudica quem não têm acesso |
| Obsolescência tecnológica | Alto preço |
| Comercialização de poucos títulos em formato digital, controle por parte das editoras | Analfabetismo tecnológico |
| Incerteza sobre preservação de dados em formato digital | Exclusão digital |
| Certificação digital | Necessidade de recarregar a bateria do aparelho leitor |
| Possibilidade de aumento da pirataria, plágio e falsificação | |
| Dúvidas sobre o futuro do direito autoral | |

Fonte: Adaptado de Reis e Rozado (2016)

Como exposto por Flatschart (2014, p. 10), o cenário do livro eletrônico e da sociedade diante dele pode ser resumido em “tecnologias, ferramentas, dispositivos e plataformas se multiplicam. Novos formatos são experimentados, questionando o papel do leitor e o leitor do papel e quebrando velhos paradigmas”. Entretanto, apesar do grande número de vantagens e facilidades que o livro eletrônico possui, é perceptível que estas desvantagens apresentadas ainda pesam bastante na escolha do leitor. Mudanças na forma de leitura, que tende a deixar de ser linear, na interação entre leitor e autor, usuário e máquina e entre navegação e leitura, bem como a preocupação em preservar a propriedade intelectual, os direitos autorais, são fatores ainda questionáveis.

Diante disso, assim como argumentado por Baptista (2011), sabe-se que, apesar destas tecnologias facilitarem as rotinas burocráticas, o acesso a informações atualizadas e obras dos mais variados tipos, a tendência presente nos dias atuais de se presumir que o texto impresso será substituído pelo texto eletrônico, ainda é uma falsa dicotomia. Considerando fatores como o de que o *e-book* depende do provimento contínuo de eletricidade e não garante por si a preservação permanente de todo patrimônio cultural da humanidade que é encontrado nos livros impressos.

Segundo Inatomi e Nascimento (2011), as problemáticas encontradas na versão eletrônica que, como visto, vão além de questões de simples preferência e conforto, envolvem questões sociais, mudanças na forma de ler e aprender, assim como aspectos como o direito autoral e a preservação. O que torna a substituição total do livro impresso para o eletrônico algo ainda improvável, tratando-se mais de uma relação complementar entre estes dois suportes.

Com isso, torna-se clara a importância do bibliotecário estar preparado para lidar com os mais diversos suportes da informação, bem como a necessidade de mais pesquisas na área. Mais do que ocorre com o público em geral, o profissional precisa estar apto a utilizar os recursos e tecnologia da melhor forma, sempre com o objetivo de atender seu usuário da melhor maneira possível.

4 METODOLOGIA

Esta pesquisa foi realizada com intuito de analisar a relevância do livro na sociedade em geral e, mais especificamente, o livro como objeto de estudo nos cursos de biblioteconomia do país e assim identificar como o assunto vem sendo tratado na formação do bibliotecário. Para tal, foi realizada uma pesquisa qualitativa de caráter documental em três etapas. Os passos metodológicos incluem: 1) definição do objeto de pesquisa: o estudo do livro nos cursos de biblioteconomia das universidades brasileiras; 2) levantamento de dados em livros, artigos de periódicos, trabalhos acadêmicos, blogs⁴ e por meio da análise de currículos de cursos de biblioteconomia; 3) descrição e análise dos currículos explorados, de acordo com a metodologia adotada.

O primeiro passo consistiu na análise preliminar de materiais bibliográficos sobre o tema e de alguns currículos para demonstrar a relevância do assunto, definir com exatidão o objeto de pesquisa, formular os objetivos e selecionar a metodologia adequada. Na segunda etapa foi realizada uma revisão de literatura por meio do levantamento de material bibliográfico em diferentes tipos de fontes de informação, tais como: livros impressos e eletrônicos; revistas e jornais; periódicos científicos; monografias e dissertações; base de dados e também em páginas da internet e blogs. A revisão de literatura foi dividida em três partes: o livro como registro da história; como registro do pensamento; como objeto tecnológico. Nesta revisão foi feito um apanhado sobre a história do livro e sua relação com a história da escrita e das bibliotecas, a evolução dos suportes de escrita desde as paredes das cavernas até o livro eletrônico, a importância do livro no registro e preservação da história da humanidade, assim como dos pensamentos e conhecimentos produzidos pelo homem no decorrer da história e ainda sobre as novas tecnologias e sua influência na sociedade e, por consequência, na história do livro.

Ainda na segunda etapa, foi realizado também o levantamento de currículos dos cursos de biblioteconomia no país. Levando em conta que no Brasil, até o presente, são ofertados 42 cursos superiores em biblioteconomia em 22 estados e no Distrito Federal, como critério de pesquisa foi selecionada uma universidade federal ou estadual de cada estado para análise da grade curricular do curso de biblioteconomia, e mais especificamente a análise da ementa e bibliografia de disciplinas que tem o livro como objeto de estudo. A terceira etapa inicia-se com uma contextualização do tema, seguida da descrição e análise dos dados coletados nas etapas anteriores, bem como na elaboração da conclusão.

⁴ Por se tratar de um instrumento de comunicação amplamente utilizado como meio de livre expressão de opiniões.

5 DESCRIÇÃO E ANÁLISE

5.1 O livro na sociedade

De acordo com a metodologia adotada inicia-se essa descrição com a contextualização do objeto livro, com enfoque na importância do livro na sociedade e no âmbito dos profissionais da informação, seguida da análise e descrição dos currículos.

O ser humano recebe e repassa informações a todo o momento. Informações estas que viram conhecimento, ideias e teorias, passadas de geração em geração, muitas vezes aprimorados, comprovados ou contestados, e gradativamente conhecimentos novos também vão surgindo. Isto acontece desde o início da história da humanidade, o conhecimento é passado à posterioridade por meio das três linguagens naturais do ser humano, a linguagem oral, gestual e escrita. O processo de desenvolvimento das linguagens e da comunicação é talvez um dos fenômenos mais importantes do ser humano.

A linguagem gestual está presente na história desde o tempo do homem primitivo que buscava se comunicar por meio da emissão de grunhidos, por gritos e gesticulando, e a partir da combinação desses elementos, associando gestos e sons para representar um determinado objeto, foram surgindo os signos. Com o passar do tempo, a comunicação foi evoluindo e ficando mais clara, sendo que a necessidade da organização e combinação dos signos deu origem a outros tipos de linguagem. Surge também a necessidade de se registrar informações, o que teve início com a escrita pictográfica feita na parede das cavernas. Gradativamente o homem foi evoluindo, descobre os fonemas, vai desenvolvendo a fala, assim como a escrita com o desenvolvimento do alfabeto e dos suportes de escrita, como já foi abordado na revisão de literatura.

Desde que o homem desenvolveu a fala, os conhecimentos são repassados de geração em geração por meio da linguagem oral. Entretanto, a preservação e disseminação desses conhecimentos e da história da humanidade se deram, principalmente, pela linguagem escrita, isto é, por conta do registro dessas informações. Assim como é exposto por Katzenstein (1986, p. 3), “deste o início da história, o homem mostrou vivo interesse pelos meios e métodos usados por seus antepassados para preservar seus pensamentos para a posterioridade”.

O surgimento da escrita foi um marco na história da humanidade, desde os primeiros registros nas cavernas até os suportes eletrônicos atuais, a escrita e o registro das informações fazem parte da vida do ser humano e o livro como suporte desses registros também foi peça fundamental nessa história. A história do livro está não somente ligada à história da escrita, mas também à história do desenvolvimento da sociedade em geral, por isso tornou-se objeto de estudo de várias áreas do conhecimento.

Este breve apanhado sobre comunicação e linguagens se faz necessário pela sua ligação com a história do livro que, segundo Darnton (2010), surgiu como objeto de estudo através da convergência de várias disciplinas devido a um conjunto de problemas comuns, relacionados ao processo de comunicação. Iniciou-se por intermédio de historiadores, sociólogos, bibliotecários, etc., e foi conquistando espaço com o surgimento de periódicos, conferências, centro de pesquisas e palestras sobre o tema. Alguns estudiosos dedicam-se ao estudo do livro no período anterior à invenção dos tipos móveis, outros estudam a impressão e grande parte do estudo do livro a partir da época de Gutenberg.

Por sua interdisciplinaridade, o estudo do livro e de sua história é um campo muito amplo. Ao se discorrer sobre história do livro, por exemplo, acaba-se por tratar também da história das bibliotecas, dos bibliotecários, da editoração, dos suportes, do papel, da leitura, bem como de todo o processo de comunicação que vai do autor ao leitor, e suas variações ao longo do espaço e do tempo. Defende-se que o estudo da história do livro tenha a mesma importância no ambiente acadêmico que tem a história da ciência e a história da arte.

O livro é definido por Cunha e Cavalcanti (2008, p. 231) como um “documento, formado pela reunião de folhas ou cadernos, geralmente impressos e constituindo uma unidade bibliográfica”. Entretanto, como retratado nesta revisão bibliográfica, pode-se estudar o livro sob diferentes abordagens, as quais realçam ainda mais sua importância.

O livro como registro da história, já é importante, em si, para preservação e disseminação da história da humanidade. A relevância da história do livro para compreender os fenômenos atuais da sociedade e a importância de ser um objeto de estudo para os profissionais da informação torna-se clara, pois da história do livro originou-se a história das bibliotecas e dos bibliotecários, isto é, estudá-la é conhecer as bases da sua profissão. O livro como registro do pensamento expõe a significativa contribuição do livro para evolução da sociedade. Além desses aspectos, aborda-se nesta pesquisa, o livro como objeto tecnológico, o que lhe atribui grande relevância, sobretudo aos bibliotecários, pois busca entender o cenário informacional atual e a utilização dos novos recursos e as tecnologias disponíveis da melhor forma.

A partir dos aspectos levantados, observa-se que o livro tem grande importância para toda sociedade, mas que o estudo do livro em suas mais variadas vertentes, tanto históricas como atuais, merece uma atenção especial por parte dos bibliotecários. O livro faz parte do dia a dia do bibliotecário e é importante que o estudo do mesmo faça parte de sua formação profissional.

5.2 O livro na biblioteconomia

A biblioteconomia é uma das ciências mais antigas da humanidade, sua história data desde o surgimento da Biblioteca de Alexandria em 288 a.C. Os primeiros cursos da área sugeriram, respectivamente, na França e nos Estados Unidos, em 1821, o da *École Nationale des Chartes*, e, em 1887, o da *Columbia University*, sendo este último criado

por Melvil Dewey, considerado o precursor e um dos pensadores mais importantes da área. A biblioteconomia a “[...] área do conhecimento que estuda as práticas, perspectivas e as aplicações de métodos de representação e gestão da informação e do conhecimento em diferentes ambientes de informação [...]” (CUNHA; AMARAL; DANTAS, 2015, p. 60).

Trata-se de uma área liberal, interdisciplinar e também multidisciplinar do conhecimento, é a ciência que por meio do estudo da representação, da sistematização, do uso e da disseminação da informação através de serviços e produtos informacionais viabiliza a análise, planejamento, implementação, organização e a administração da informação em bibliotecas, bancos de dados, centros de documentação, sistemas de informação, sites, entre outros. Presta um serviço de grande relevância à sociedade como mediadora entre a informação e o usuário.

O bibliotecário é o profissional que se ocupa com atividades de organização, tratamento, análise e recuperação de informações em diversos suportes, por meios manuais e automatizados, visando o atendimento das necessidades informacionais de diferentes tipos de usuários. Para isso, suas principais áreas de pesquisa são a representação temática, representação descritiva, linguagens documentárias, serviços de referência, marketing em unidades de informação, arquitetura de informação, usabilidade, catalogação, gestão de unidades de informação, etc. O Quadro 3 a seguir ilustra a grade curricular do curso de biblioteconomia da UnB, com o objetivo de mostrar um apanhado geral da formação deste profissional e exemplificar os assuntos estudados no curso de biblioteconomia.

Quadro 3: Disciplinas do curso de biblioteconomia

| EIXOS | DISCIPLINAS |
|--------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------|
| Fundamentos Gerais | Disciplinas de idiomas |
| | Disciplinas introdutórias |
| | Disciplinas de fundamentos sociais e humanísticos |
| Fundamentos Teóricos da Biblioteconomia e da Ciência da Informação | Biblioteconomia e Sociedade Brasileira |
| | Controle Bibliográfico |
| | Estágio Supervisionado em Biblioteconomia |
| | História do Livro e das Bibliotecas |
| | Introdução à Biblioteconomia e à Ciência da Informação |
| | Monografia |

| | |
|----------------------------------------------------------------|----------------------------------------------|
| Organização, Processamento e Tratamento da Informação | Análise da Informação |
| | Catálogo |
| | Classificação |
| | Indexação |
| | Linguagens Documentárias |
| Recursos e Serviços de Informação | Bibliografia |
| | Editoração |
| | Formação e Desenvolvimento de Acervos |
| Gestão de Unidades e Serviços de Informação | Estudos de Usuários |
| | Gerência de Sistema de Informação |
| | Planejamento de Sistema de Informação |
| | Serviços de Informação |
| Tecnologias da Informação | Informática Documentária |
| | Introdução a Microinformática |
| | Planejamento e Elaboração de Bases de Dados |
| | Redes de Informação e Transferência de Dados |

Fonte: elaboração própria.

Com intuito de ilustrar melhor as disciplinas que compõem o curso, elas foram separadas por eixos de acordo com os objetivos de cada uma e de área comum, seguindo o modelo utilizado em grande parte dos projetos pedagógicos das universidades pesquisadas. Os eixos são divididos, resumidamente, em disciplinas de fundamentação teórica e prática, processamento técnico, serviços, gestão e tecnologia da informação. Tais disciplinas buscam contemplar competências e habilidades necessárias para formação do bibliotecário de acordo com as Diretrizes Curriculares para os Cursos de Biblioteconomia aprovadas em 03 de abril de 2001, através do Parecer nº 492/2001 CNE/CES.

Como se pode observar, o currículo de biblioteconomia é constituído por fundamentos gerais de outras áreas, como as disciplinas de idiomas, as introdutórias que poderão potencializar outras do curso, e a própria atuação profissional, e as de fundamentos sociais e humanísticos que também são de suma importância para formação de um bom profissional. Mas indo ao encontro dos objetivos desta pesquisa, o

foco será nas disciplinas específicas do curso de biblioteconomia que tem o livro como objeto de estudo.

O livro é objeto de estudos em diversas disciplinas do curso de biblioteconomia, principalmente em disciplinas de fundamentos teóricos da área, como em Introdução à Biblioteconomia e à Ciência da Informação, Biblioteconomia e Sociedade Brasileira, Controle Bibliográfico e História do Livro e das Bibliotecas. São disciplinas que buscam a contextualização da profissão e apresentar a base e os fundamentos da profissão, bem como delimitação dos campos científicos e profissionais da biblioteconomia e da ciência da informação para que os alunos possam se situar nos processos de produção, registro e comunicação da informação e do conhecimento na formação do bibliotecário e assim introduzir os aspectos teóricos e metodológicos.

O livro também é objeto de estudo em outras disciplinas e, na maioria das vezes, material de trabalho nos processos de organização, processamento e tratamento de informações, como em Análise da Informação, Catalogação, Classificação e Indexação. Disciplinas estas que fazem parte da área da biblioteconomia conhecida como processamento técnico e abordam aspectos teóricos e práticos dos processos de tratamento e organização da informação, assim como dos instrumentos e produtos de tratamento e organização da informação. A articulação entre a teoria e a prática desta área se deram a partir dos estudos da palavra escrita, registrada nos livros, e que foram se desdobrando para outros suportes e materiais. Nas disciplinas relacionadas à tecnologia, o livro é estudado com enfoque maior em seus novos formatos, o livro digitalizado e o livro eletrônico.

Devido à constante preocupação em fazer com que a formação nas universidades possa acompanhar a atualidade e dar importância à formação prática, torna-se necessário enfatizar a importância da parte teórica e histórica na formação profissional. A disciplina História do Livro é um exemplo. Trata-se de uma disciplina teórica que difere das demais, no sentido de que o livro é seu principal objeto de estudo, e por meio dela é possível compreender os fatores que fazem com que até os dias atuais esta profissão seja importante para a sociedade. O suporte (o livro), a instituição (a biblioteca) e o profissional (o bibliotecário) são três elementos fundamentais da biblioteconomia e conhecer a história desses elementos faz parte da base para formação dos futuros bibliotecários.

Diante da importância do livro como objeto de estudo no curso de biblioteconomia, este levantamento foi realizado com o objetivo de saber como o assunto vem sendo abordado nos cursos de biblioteconomia do país. Para isso, de acordo com a metodologia adotada, foram selecionadas 23 universidades dentre federais ou estaduais, uma de cada de cada estado que possui o curso, para análise das grades curriculares dos cursos de biblioteconomia, e mais especificamente da ementa e bibliografia da disciplina que tem o livro como objeto de estudo principal.

Prezando o melhor entendimento dos dados levantados nesta pesquisa, o Quadro 4 abaixo ilustra, resumidamente, as universidades selecionadas, a disciplina sobre o

livro que compõe o currículo dessas universidades, se trata de uma disciplina obrigatória ou optativa e a ementa da disciplina, bem como a informação sobre a disponibilidade de bibliografia.

Quadro 4: Disciplinas do livro

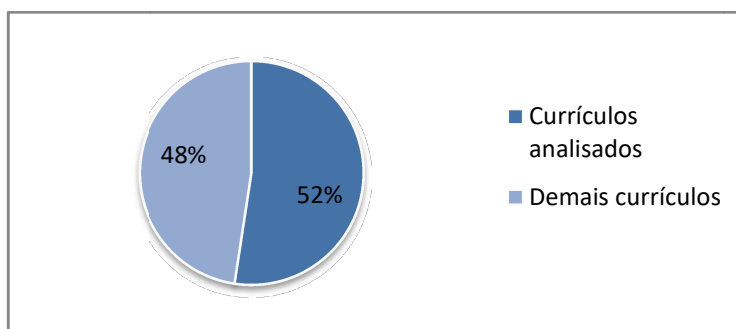
| UNIVERSIDADE | MATÉRIA | O B G | O P T | EMENTA |
|--------------------------------------------------|-----------------------------------------------------|-------------|-------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 1. Universidade Federal de Alagoas (UFAL) | História da Cultura e dos Registros do Conhecimento | x | | Conceito de cultura. Evolução dos registros do conhecimento humano. Aspectos das tecnologias utilizadas na produção dos vários tipos de suportes do conhecimento, tais como: formas de reprodução gráfica, magnética e eletrônica, microfilmagem e outros. Possui bibliografia disponível. |
| 2. Universidade Federal do Amazonas (UFAM) | História dos Registros do Conhecimento | x | | Perspectiva histórica dos registros da informação. Espaços da comunicação e da cultura, das primeiras formas à atualidade. Produção atual dos registros do conhecimento. Objetivo: Proporcionar aos alunos a obtenção de referenciais históricos que lhes permitam compreender o contexto sociocultural do processo de evolução dos suportes e unidades de informação. |
| 3. Universidade Federal da Bahia (UFBA) | História do Livro e das Bibliotecas | x | | Gênese e desenvolvimento da escrita, evolução histórica do livro, a imprensa, a biblioteca através dos tempos: conceitos, tipos e características. |
| 4. Universidade Federal do Ceará (UFC) | Historia dos Registros do Conhecimento | x | | A gênese dos registros do conhecimento humano. Historia e evolução do registro informacional e do seu aspecto comunicativo e cultural. O tempo e o espaço da informação registrada. Conhecimento: produção, circulação e gestão. |
| 5. Universidade de Brasília (UnB) | Historia do Livro e das Bibliotecas | | x | Considerando que a disciplina e o reflexo cultural da evolução da humanidade e a expressão da forma de sentir, pensar e viver, das diferentes épocas da historia, sua aprendizagem se destina a desenvolver nos alunos, atitudes e valores interpessoais e a transformar-se em um verdadeiro processo de evolução pessoal e profissional, visando atingir os objetivos sociais da biblioteconomia. Possui bibliografia disponível. |
| 6. Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) | Evolução dos Registros do Conhecimento | x | | EMENTA: Visão geral da história da produção e dos registros de conhecimento como reflexo da história da civilização. A produção dos suportes para registro, guarda, preservação e disseminação do conhecimento. |
| 7. Universidade Federal de Goiás (UFG) | Historia da Cultura e dos Registros do Conhecimento | x | | Introdução às teorias da cultura. Cultura na sociedade antiga, média e contemporânea. A informação como base do processo cultural. As instituições de informação como agências de produção e transmissão cultural. Perspectiva histórica dos registros da informação. Espaços de comunicação e da cultura, das primeiras formas à atualidade. Produção atual dos registros do conhecimento. Informação como componente histórico-social. Cultura da informação na sociedade pós-industrial. Estrutura de poder e sociedade de massa. Informação, sociedade e cidadania inter-relações. Ação cultural do profissional da informação no processo de mudança social. Possui bibliografia disponível. |
| 8. Universidade | História do | x | | Ementa: Relação entre história, memória e instituição de |

| | | | |
|----------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------|---|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Federal do Maranhão (UFMA) | Livro e das Bibliotecas | | preservação do patrimônio material e imaterial. Formas primárias de comunicação e informação. O livro, as bibliotecas e as práticas leitoras da antiguidade a era eletrônica. A trajetória do livro, das bibliotecas e as estratégias de apropriação do texto no Brasil e no Maranhão. |
| 9. Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) | História dos Registros de Informação e Transmissão Cultural | x | Estudo da evolução da literatura ocidental. Evolução de conceitos de biblioteca. Origem e evolução da escrita. Aparecimento do papel. Geografia do livro. Tipos de registros do conhecimento. Livros e biblioteca no Brasil colonial. |
| 10. - Mato Grosso do Sul | - | | - |
| 11. Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) | - | | - |
| 12. Universidade Federal do Pará (UFPA) | História do Livro e das Bibliotecas | x | A importância do livro nas artes, ciências e sociedade. Natureza e função do livro. O livro e o leitor. Os registros primitivos do homem. A comunicação. Linguagem e escrita. O desenvolvimento da escrita. Etapas. O alfabeto. A evolução dos suportes da escrita. Materiais e formas. O papel. Aparecimento, expansão, fabrico. Manuscritos. A impressão tabulária. A imprensa. Origem. Expansão. Divulgação. Johann Gutenberg. A evolução do livro impresso. As sucessivas tecnologias. Os grandes impressores. Ilustração. Encadernação. O livro e as profissões. As bibliotecas na Antiguidade. As bibliotecas medievais. A criação das universidades e sua influência no desenvolvimento das bibliotecas. As bibliotecas modernas. As bibliotecas no Brasil. A UFPA e o desenvolvimento das bibliotecas no Estado. Possui bibliografia disponível. |
| 13. Universidade Federal da Paraíba (UFPB) | Hist. da Leitura e dos Registros do Conhecimento | x | Abordagens histórico-culturais e sociais da leitura e dos registros do conhecimento. Suporte de leitura e biblioteca. |
| 14. Universidade Estadual de Londrina (UEL) PARANÁ | Historia da Cultura e dos Registros do Conhecimento | x | Trajетória histórica do homem na construção de sua cultura, destacando a utilização dos vários suportes e registros da informação e do conhecimento e sua armazenagem. |
| 15. Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) | História dos Registros do Conhecimento | x | Gênese, evolução e tendências dos diversos tipos de produção dos registros do conhecimento nas diferentes civilizações. A biblioteca e suas funções sócio-culturais. O livro e as bibliotecas no Brasil e os desafios contemporâneos. |
| 16. Universidade Estadual do Piauí (UESPI) | História do Livro e das Bibliotecas | x | - |
| 17. Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) | História do Registro da Informação | x | Evolução dos diferentes tipos de suporte de registro do conhecimento humano: da pré-história, passando pela invenção da imprensa, até os mais modernos tipos de materiais. |
| 18. Universidade Federal do Rio Grande do | História do Livro e das Bibliotecas | x | Evolução dos diversos tipos de registros de conhecimento humano. Origem e evolução da escrita. Evolução do conceito de biblioteca. A função social de bibliotecas através dos |

| | | | |
|-------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------|---|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Norte (UFRN) | | | tempos. Possui bibliografia disponível. |
| 19. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) | História dos Registros Humanos | x | - |
| 20. Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR) | História da Cultura e dos Registros do Conhecimento | x | Introdução às teorias da cultura. Cultura na sociedade antiga, média e contemporânea. A informação como base do processo cultural. As instituições de informação como agências de produção e transmissão cultural. Perspectiva histórica dos registros da informação. Espaços de comunicação e da cultura, das primeiras formas à atualidade. Produção atual dos registros do conhecimento. Informação como componente histórico-social. Cultura da informação na sociedade pós-industrial. Estrutura de poder e sociedade de massa. Informação, sociedade e cidadania inter-relações. Ação cultural do profissional da informação no processo de mudança social. Possui bibliografia disponível. |
| 21. Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) | História do Livro e das Bibliotecas | x | História e tendências da produção dos registros do conhecimento e da biblioteca. Práticas sociais de leitura. Editoração. Política editorial e legislação. Possui bibliografia disponível. |
| 22. Universidade Estadual Paulista (UNESP) | Registros e Suportes do Conhecimento | x | Apresentação e discussão sobre as transformações na produção e na disseminação de conhecimento objetivado por sistemas de registros estruturados, formas tradutoras de identidades individuais e coletivas, derivadas dos processos de comunicação, dispostas sobre suportes diversos, em determinadas condições espaço temporais, encaradas como materializações de apresentação e de representação da cultura imaterial. Possui bibliografia disponível. |
| 23. Universidade Federal de Sergipe (UFS) | História do Livro | x | Evolução da escrita desde os primeiros registros gravados pelo homem até a revolução tecnológica dos dias de hoje. |

Fonte: elaboração própria.

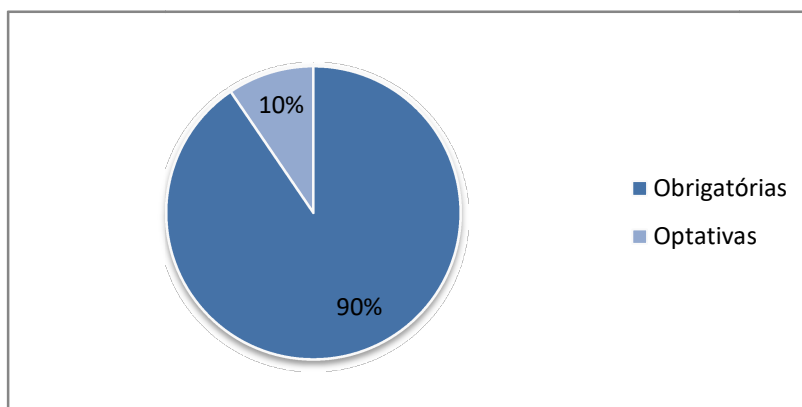
A partir dos dados levantados, pode-se observar que a grande maioria possui uma disciplina específica que tem o livro como objeto de estudo principal. Os estados do Acre, Amapá, Roraima e Tocantins não possuem nenhum curso relativo à biblioteconomia até o momento. Dos 23 estados do país que possuem o curso, apenas Mato Grosso do Sul ficou de fora da pesquisa, devido aos critérios adotados, isto é, por não possuir o curso em uma universidade federal ou estadual, apenas em um instituto particular, Instituto Superior da Funlec. Assim, como mostra o Gráfico 1 abaixo, foram analisados mais da metade dos currículos de biblioteconomia do país.

Gráfico 1: Currículos

Fonte: elaboração própria.

Dos 22 currículos analisados, apenas o da Universidade Federal de Minas Gerais não possui uma disciplina sobre o tema. Das 21 grades curriculares que incluem a disciplina, apenas a Universidade Estadual do Piauí e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul não possuem ementa e bibliografia disponíveis, mas em sua grade apresentam, respectivamente, a disciplina *História do livro e das bibliotecas* e *História dos registros humanos*. Entretanto o assunto principal é descrito pelo nome da disciplina. De resto, todas as outras possuem ementa disponível e em oito delas é disponibilizada também a bibliografia do curso.

Como ilustra o Gráfico 2, foi constatado também que das 21 disciplinas, 19 são obrigatórias e 2 optativas, o que reforça que a importância dessa disciplina na formação dos bibliotecários já é vista nas escolas de biblioteconomia brasileiras. Outro aspecto observado é que a grande maioria é ofertada aos alunos nos primeiros semestres do curso como parte das disciplinas de fundamentação.

Gráfico 2: Obrigatoriedade das disciplinas

Fonte: elaboração própria.

Apesar das diferentes nomenclaturas dadas às disciplinas, por meio da análise das ementas e das bibliografias pôde-se confirmar que todas elas têm o livro e sua história como objeto principal de estudo. Apenas 9 são chamadas de *História do livro e das bibliotecas*, muitas utilizam *História da cultura e dos registros do conhecimento*. Entretanto, a partir desta análise constatou-se que elas possuem objetos de estudo e bibliografias bem semelhantes. O uso do termo *registro*, superior ao do termo *livro*,

justifica-se pela maior abrangência do termo registro, sendo o livro um dos suportes de registro do conhecimento.

Por meio desta pesquisa pôde-se ver também a já citada abrangência presente na história do livro. Além da história do livro, são trabalhados nessas disciplinas a história da escrita, das bibliotecas, dos bibliotecários, da imprensa, o conceito de história e sua importância, aspectos culturais da sociedade, entre outros. Foi constatado também que a maioria aborda também aspectos tecnológicos, como o livro eletrônico e atualidades voltadas a estes assuntos, bem como ligadas à profissão.

O professor da Universidade Federal do Pará, Rubens da Silva Ferreira, publicou um artigo, em 2016, falando sobre sua experiência como docente da disciplina História do Livro e das Bibliotecas entre os anos de 2010 a 2012. Neste artigo, ele defende a importância da disciplina por ser basilar para a formação dos futuros bibliotecários possibilitando a compreensão, além dos aspectos históricos, dos elementos que são essenciais na formação do profissional atual. Segundo ele:

[...] por meio dela é possível aproximar os alunos dos princípios que lançaram as bases de uma profissão hoje consolidada, que evoluiu da organização e da guarda de documentos para a complexa gestão de bibliotecas e de recursos humanos, materiais e imateriais, mobilizando diferentes saberes e práticas na oferta de serviços à sociedade, pretendendo, assim, cumprir sua função finalística, isto é, a mediação no acesso à informação e ao conhecimento que as pessoas demandam em suas atividades laborais, instrucionais e recreativas. (FERREIRA, 2016, p. 574).

Ferreira (2016) expõe ainda a relevância desta disciplina por meio da valorização de outros aspectos que ela pode acrescentar aos bibliotecários. Ele mostra que a partir do entendimento dos conhecimentos históricos que contribuíram para legitimar a profissão é possível que o aluno possa analisar se ele se identifica ou não com a área, e que tenha conhecimento das habilidades necessárias para exercer com competência seu trabalho e também para criar sua própria identidade profissional.

É destacada também pelo professor, a importância da disciplina no incentivo à leitura e escrita. Segundo ele, o principal desafio é a necessidade do desenvolvimento das competências de leitura e de escrita nos alunos, e que são aspectos essenciais a serem considerados para uma formação profissional qualitativa, sobretudo porque esses são os futuros profissionais que atuarão na área da informação. A disciplina dá espaço para que o professor possa aplicar metodologias de trabalho visando a melhora dessas habilidades.

A partir dessa análise pôde-se ter noção de como a disciplina em questão vem sendo abordada nos cursos de biblioteconomia e a grande relevância da mesma para a formação profissional. O resultado foi satisfatório no que diz respeito à presença da História do Livro na grande maioria dos cursos. Entretanto, notou-se também a escassez

de bibliografias e produção científica na área, principalmente, no que corresponde ao que é produzido pelos bibliotecários.

Como já citado, o livro é objeto de interesse de muitos pesquisadores, como historiadores, sociólogos, filósofos, livreiros e editores, porém observa-se que estes têm produzido mais nesta área do que os próprios bibliotecários. O Quadro 5 ilustra esta questão ao mostrar as obras e autores mais citados, com sua respectiva área profissional, nas bibliografias analisadas.

Quadro 5: Autores e obras principais

| AUTOR | OBRAS |
|---------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------|
| Arnaldo Campos (livreiro) | Breve história do livro |
| André Belo (historiador) | O que é a história do livro e da leitura? |
| David R. Olson (psicólogo) | Cultura escrita e oralidade |
| Douglas C. McMurtrie (tipógrafo) | O livro: impressão e fabrico |
| Hipólito Escolar Sobrino (bibliotecário) | História do livro em cinco mil palavras |
| José Teixeira de Oliveira (escritor) | A fascinante história do livro: de Gutenberg aos nossos dias |
| Lucien Febvre ; Henri-Jean Martin (historiadores) | O aparecimento do livro |
| Matthew Battles ⁵ | A conturbada história das bibliotecas |
| Robert Darnton (historiador) | A questão dos livros: passado, presente e futuro |
| Roger Chartier (historiador) | A aventura do livro: do leitor ao navegador |
| | A ordem dos livros |
| Rubens Borba de Moraes (bibliotecário) | Livros e bibliotecas no Brasil colonial |
| Úrsula Katzenstein (encadernadora / pesquisadora) | A origem do livro: da idade da pedra ao advento da impressão tipográfica no ocidente |
| Wilson Martins (crítico literário) | A palavra escrita: história do livro, da imprensa e da biblioteca |

Fonte: elaboração própria.

Por meio deste levantamento, foi possível notar que a maioria das obras, consideradas as clássicas da área, não foram escritas por bibliotecários. E sabe-se que o livro é um objeto que está tradicionalmente armazenado em bibliotecas, está diretamente ligado ao surgimento, à história e a evolução da profissão, e mesmo com as novas tecnologias, ainda é um dos principais objetos de trabalho dos bibliotecários.

⁵ Embora importante, não é um autor muito citado nas bibliografias dos cursos considerados.

6 CONCLUSÃO

A presente pesquisa teve como objetivo geral expor a relevância do estudo do livro. Buscou ainda maior compreensão acerca da história do livro, de sua importância como registro do pensamento e como objeto tecnológico, bem como analisar como este assunto vem sendo abordado durante a formação dos bibliotecários. Desse modo, apresentar aspectos que justificam a relevância desse tema como objeto de estudo nos cursos de biblioteconomia.

A partir do levantamento bibliográfico foi possível, primeiramente, compreender melhor a história do livro e sua relevância para a história da humanidade. Grande parte do que se tem conhecimento hoje sobre a história é graças ao que foi registrado desde as primeiras formas de livro. Foi possível observar também que os suportes foram evoluindo junto à sociedade, o que motivou a criação das bibliotecas para guardar e preservar aquelas obras, e também o surgimento dos bibliotecários, profissionais para lidar com toda aquela informação. Instituição e profissão essas que evoluíram junto com o livro, e hoje, além de guardar e preservar informação, têm uma importância muito maior na sociedade. As bibliotecas tornaram-se grandes centros de informação e os bibliotecários exercem papel fundamental na organização, disseminação e gestão da informação, além de outras atribuições já citadas. Por isso, estudar a história do livro para os bibliotecários também significa conhecer as bases de sua profissão e entender a evolução do suporte que faz parte do dia a dia de sua profissão.

Ainda a partir da bibliografia levantada, foi vista a importância do livro nas mais diversas áreas do conhecimento. Por meio do tópico que aborda o livro, como registro do pensamento, pode-se ver a influência que os conhecimentos registrados em livros e repassados a posteridade tiveram na sociedade. Desde as religiões até as ciências, a Bíblia, palavra sagrada escrita, religiões como o islamismo e o cristianismo foram fortalecidos e perduraram, os registros dos pensamentos de filósofos influenciam até hoje as diferentes correntes filosóficas e nas ciências os registros tem valor imensurável, sendo que através deles foi possível que muitas teorias fossem comprovadas ou invalidadas, que projetos fossem consolidados e que ideias se concretizassem. O que faz do livro um fator muito importante para evolução da humanidade.

No que diz respeito ao livro como objeto tecnológico, foi possível observar que, ao longo dos séculos, o livro foi evoluindo junto à humanidade, mudando os suportes de

escrita, sendo moldado continuamente em busca de atender as necessidades da sociedade em cada época da história. O livro eletrônico, por se tratar de mais uma destas evoluções de suporte do livro, precisa ser visto também à luz da ciência. A invenção dos *e-books* foi de grande importância para que o livro passasse a atender as novas necessidades da Sociedade da Informação e do Conhecimento, ou seja, desta sociedade que busca intensamente por informação, cada vez mais dependente do conhecimento e das tecnologias, e que prioriza a atualidade, facilidade e economia de tempo. Desta forma, o livro permanece como objeto de estudo e de conhecimento, principalmente, dos profissionais que tem como objetivo principal atuarem como mediadores de informação. Entretanto, foi possível constatar também que a substituição total do livro impresso pelo livro eletrônico ainda é algo distante, o *e-book* não conseguiu ainda suplantar o suporte impresso que já sobrevive há mais de quinhentos anos, embora se reconheça as grandes vantagens e novas possibilidades trazidas por essa tecnologia. Por isso é de maior consenso entre os pesquisadores da área que o mais provável para as próximas décadas é a coexistência entre esses dois suportes. Cabendo assim ao bibliotecário e ao leitor optar pelo que melhor atende sua necessidade.

Isto posto, foi possível perceber a importância que tem o bibliotecário em todos estes aspectos referentes ao livro, sendo demonstrado que este é um assunto do qual o bibliotecário deve se ocupar. E que além da importância histórica, acerca da compreensão dos diversos formatos do livro, da sua influência na sociedade e da base de sua profissão, é necessário o entendimento de como isso afeta sua profissão e a importância do profissional estar também atualizado, pois estas interferências tecnológicas vêm exigindo novas habilidades dos bibliotecários.

Ao analisar os currículos dos cursos de biblioteconomia obteve-se um resultado positivo no que diz respeito à existência de uma disciplina que tem o livro como objeto de estudo principal e por ser de caráter obrigatório na grande maioria dos cursos. Foi possível constatar também que o livro é objeto de estudo direta e indiretamente em diversas outras disciplinas do curso, o que reforça sua importância dentro da profissão. Contudo, ao se fazer uma análise mais específica nas ementas e bibliografias das disciplinas específicas sobre o livro, foi constatado que nelas o conteúdo é bastante abrangente, o que dá margem para que os docentes interpretem e lecionem essas disciplinas a partir de diferentes enfoques.

A partir da análise dos nomes e das ementas das disciplinas, que tem o livro como assunto principal, foi observado ainda que na maioria das disciplinas a palavra livro tem sido pouco utilizada, fala-se muito em registro do conhecimento e do pensamento. Entretanto, é preciso atentar que o termo registro é bastante amplo, pode se referir a um livro, gravação, filme, multimídia, livro eletrônico, entre outros. É como se ao usar a palavra livro as pessoas ficassem sugestionadas a pensar apenas na biblioteca antiga, não informatizada, tradicional e não como um sistema de informação, porém isso é um equívoco e o livro tem lugar e grande importância em toda sociedade, tanto é que as bibliotecas e livrarias estão cheias de livro impresso, bem como de dispositivos de leitura para os livros eletrônicos.

Além do problema da amplitude da palavra registro, de ser um termo mais especializado e da necessidade de desfazer essa falsa impressão do livro remeter a algo antigo, outra razão para se manter o termo livro é o fato da maior aproximação semântica que ele tem com a sociedade. Os bibliotecários precisam estar atentos a isso e buscar formas de aproximar as pessoas das bibliotecas, sendo que uma das maneiras é utilizar terminologias que são de conhecimento popular.

Com base na pesquisa realizada foi possível observar também que os bibliotecários têm produzido pouco na área, que a grande maioria até das obras clássicas foram escritas por profissionais de outras áreas. Supõe-se assim que talvez muitos profissionais ainda não tem consciência da importância do assunto e que as disciplinas a ele relacionadas também não estejam sendo aproveitadas da melhor forma. Diante disso, esta pesquisa buscou incentivar a percepção do livro como sendo um importante objeto de estudo na formação do bibliotecário, inclusive valorizando seu espaço em uma área que precisa ser de seu domínio.

As limitações dessa pesquisa estiveram relacionadas com a escassez de literatura disponível sobre o tema e pela dificuldade de encontrar bibliografia das disciplinas disponíveis. Desse modo, optou-se por usar mais obras clássicas sobre o assunto e contextualizar com trabalhos acadêmicos mais recentes, bem como explorar da melhor forma possível as bibliografias disponíveis nos programas dos cursos.

Essa pesquisa buscou ainda fornecer subsídios para outras pesquisas relacionadas ao livro. Nesse sentido, sugerem-se alguns tópicos como potenciais temas de pesquisa: o livro como portador de informação; suporte; objeto comercial; objeto de

censura; objeto de propriedade intelectual; como literatura didática; como literatura especializada. Sugere-se também o estudo das mudanças que o livro eletrônico tem trazido para a forma de leitura; a tendência à leitura não-linear; novas habilidades que as novas tecnologias vem exigindo dos bibliotecários.

O bibliotecário, como profissional mediador de informações, exerce papel cada vez mais importante na sociedade. Ao compreender as questões envolvidas em sua formação acadêmica, esse profissional, pode possibilitar que as informações e as novas tecnologias ligadas a elas sejam úteis, oportunas, e cheguem ao maior número de usuários possível, buscando atender da melhor forma a necessidade informacional de cada um. Assim, por meio de seu trabalho, ele promove também o entendimento de que o livro continua sendo uma peça importante na evolução da humanidade.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6023: informação e documentação: referências: elaboração. Rio de Janeiro, 2002.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6028: informação e documentação: resumo: procedimento. Rio de Janeiro, 2003.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 14724: informação e documentação: trabalhos acadêmicos: apresentação. Rio de Janeiro, 2011.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 10520: informação e documentação: citações em documentos: apresentação. Rio de Janeiro, 2002.

ALMEIDA, V. R. da S. F. **A tecnologia na comunicação do Senado: do papiro à Internet**. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de pós-graduação da Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília, 2007. Disponível em: <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/174852>>. Acesso em: 03 out. 2017.

ANSELMO, Artur. **Estudos de história do livro**. Lisboa: Guimarães Editores, 1997.

ARAÚJO, Emanuel. **A construção do livro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

ARAÚJO, Felipe. História do livro. **InfoEscola**, 2017. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/curiosidades/historia-do-livro/>>. Acesso em: 04 out. 2017.

BAPTISTA, D. M. Internet e livro: uma falsa dicotomia. **Revista Ibero-Americana da Ciência da Informação**, Brasília, v.4, n.2, p. 40-52, ago./dez 2011. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/13021/1/ARTIGO_InternetLivroFalsa.pdf>. Acesso em: 22abr. 2018.

BEIGUELMAN, Giselle. **O livro depois do livro**. São Paulo: Peirópolis, 2003.

BELO, André. O que é a história do livro e da leitura? In: **História & livro e leitura**. BeloHorizonte: Autêntica, 2002. p. 37-70.

BESSONE, Tânia. A história do livro e da leitura: novas abordagens. **Floema**, n. 5, p. 97-111, out. 2009. Disponível em: <<http://periodicos.uesb.br/index.php/floema/article/view/130>>. Acesso em: 13 mar. de 2018.

BONEZI, Luciane Adami. **Usabilidade dos livros eletrônicos: um estudo de caso com os alunos do curso de Biblioteconomia da UDESC**. 1990. 150 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Biblioteconomia) – Departamento de Biblioteconomia, Universidade do Estado de Santa Catarina, Santa Catarina, 2007.

BORGES, M. A. G. A compreensão da sociedade da informação. **Revista Ibero-Americana da Ciência da Informação**, Brasília, v.29, n.3, p. 25–32, set./dez 2000.

Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v29n3/a03v29n3>>. Acesso em: 25 out. 2017.

BRITTES, J. G.; PEREIRA, J. L. Tecnologias da informação e da comunicação e a polêmica sobre direito autoral: o caso Google Book Search. **Revista Ibero-Americana da Ciência da Informação**, Brasília, v. 36, n. 1, p. 167-174, jan./abr. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v36n1/a13v36n1.pdf>> Acesso em: 15 mar. de 2018.

BUSH, Vannevar. As we may think. **Athantic Monthly**, v. 176, n. 11, p. 101-108, 1945. Disponível em: <<http://www.theathantic.com/doc/194507/bush>>. Acesso em: 25 mar. 2018

CALDEIRA, Cinderela. Do papiro ao papel manufaturado. **Revista espaço aberto**, São Paulo, n. 24, out. 2002. Disponível em: <<http://www.usp.br/espacoaberto/arquivo/2002/espaco24out>>. Acesso em: 25 set. 2017.

CAMPOS, Arnaldo. **Breve história do livro**. Porto Alegre: Mercado Aberto, Instituto Estadual do Livro, 1994.

CARDOSO, B. Você prefere e-books ou livros impressos? **O jornalista**, 2010. Disponível em: <<http://www.ojornalista.com/2010/07/voce-prefere-e-books-ou-livros-mai-impressos/>>. Acesso em: 09 abr. 2018.

CARVALHO, I. C. L.; KANISKI, A. L. A sociedade do conhecimento e o acesso à informação: para que e para quem? **Revista Ibero-Americana da Ciência da Informação**, Brasília, v.29, n.3, p.33-39, set./dez 2000.

CHARTIER, R. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 2002.

CUNHA, M. B.; AMARAL, S. A.; DANTAS, E. B. **Manual de estudo de usuários da informação**. São Paulo: Atlas, 2015.

CUNHA, M. B.; CAVALCANTI, C. R. O. **Dicionário de biblioteconomia e arquivologia**. Brasília: Briquet de Lemos, 2008.

DARNTON, R. **A questão dos livros: passado, presente e futuro**. São Paulo: Companhia das letras, 2010.

ECO, Umberto. Muito além da internet. **Folha de São Paulo**. Caderno Mais. 14dez. 2003. p. 4-10. Disponível em:<http://www.ofaj.com.br/textos_conteudo.php?cod=16>. Acesso em: 10 mar. 2018

ECO, Umberto; CARRIÈRE, Jean-Claude. **Não contem com o fim do livro**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

EISENSTEIN, Elisabeth L. **A Revolução da cultura impressa: os primórdios da Europa moderna.** São Paulo: Ática, 1998.

ESCOLAR SOBRINO, Hipólito. **História do livro em cinco mil palavras.** São Paulo: Quíron; Brasília: INL, 1977.

FARIA, M. I.; PERICÃO, M. da G. **Dicionário do livro: da escrita ao livro eletrônico.** São Paulo: Ed. da USP, 2008.

FEBVRE, L.; MARTIN, H. J. **O aparecimento do livro.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

FELIX, L. C. L. **Livros eletrônicos e bibliotecas: compartilhando espaços.** 2011. 95 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Biblioteconomia) – Faculdade de Ciência da Informação, Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

FERNANDES, Millôr. **L.i.v.r.o.** Disponível em: <<http://scriptusest.blogspot.com.br/2010/06/livro-millor-fernandes.html>>. Acesso em: 21 mai. 2018.

FERREIRA, R. S. A experiência docente no ensino de história do livro e das bibliotecas na Universidade Federal do Pará (UFPA). **Inf. Inf.**, v. 21, n. 1, p. 573 – 594, jan./abr. 2016. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/informacao/>>. Acesso em: 10 jun. 2018.

FLATSCHART, Fábio. **Livro digital etc.** Rio de Janeiro: Brasport, 2014.

FOSCO, Daniel Alexandre Pereira. **O livro como tecnologia da inteligência e suas novas representações no contexto digital.** 2013. 89 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Comunicação Social) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <<http://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/515/3/DFosco.pdf>>. Acesso em: 10 mai. 2018.

FURTADO, José Afonso. Ebook vs. livro impresso. **Ebook Portugal**, 2010. Disponível em: <<https://ebookportugal.wordpress.com/2010/04/08/ebook-vs-livro-impresso-por-jose-afonso-furtado/>>. Acesso em: 23 out. 2017.

FURTADO, José Afonso. O que é um ebook? **Ebook Portugal**, 2010. Entrevista concedida ao site eBook Portugal. Disponível em: <<https://ebookportugal.wordpress.com/2010/04/07/o-que-e-um-ebook-por-jose-afonso-furtado/>>. Acesso em: 23 out. 2017.

FUTURE of books: Will traditional books disappear? **CQ Researcher**, v. 19, n. 20, p. 473-500, May 29, 2009.

GONÇALVES, E. M. C. **Do códex ao e-book: o papel de design de comunicação na remediação da experiência de leitura do livro digital.** 2012. 160 f. Dissertação (Design

de Comunicação e Novos Media) – Faculdade de Belas Artes, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2012.

INATOMI, A. Y. ; NASCIMENTO, I. M. do. **O livro eletrônico como marco evolutivo no contexto da história do livro.** 2011. 73 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Biblioteconomia) – Faculdade de Ciência da Informação, Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

KAMA, A. F. L. de F. **Livros, bibliotecas universitárias e livros eletrônicos: aspectos e consequências de um novo suporte da escrita.** 2016. 122 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Ciência da Informação, Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

KATZENSTEIN, U. E. **Origem do livro: da idade da pedra ao advento da impressão tipográfica no ocidente.** São Paulo: Hucitec, 1986.

KAY, A. **A personal computer for children of all ages.** 1972. Disponível em: <<http://www.mightymeta.co.uk/repetitive-swipe-injury-challenging-design-conventions-within-tablet-publications/>>. Acesso em: 22 mai. 2018.

LABARRE, Albert. **História do livro.** São Paulo: Cultrix, 1981.

LINGUAGEM e comunicação: origem, história e evolução. **Educamundo**, 2017. Disponível em: <<https://educamundo.com.br/blog/comunicacao-linguagem-curso-online>>. Acesso em: 02 mai. 2018.

LISTA de escolas de biblioteconomia. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_escolas_de_biblioteconomia#S%C3%A3o_Paulo>. Acesso em: 12 mai. 2018.

LYONS, Martyn. **Livro: uma história viva.** São Paulo: Senac, 2011.

LYONS, Martyn; LEAHY, Cyana. **A palavra impressa: histórias da leitura no século XIX.** Rio de Janeiro: Casa da palavra, 1999.

MACHADO, Arlindo. Fim do livro? **Estudo Avançados**, v. 8, n. 21, p. 201-214, maio/ago. 1994. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v8n21/13.pdf>>. Acesso em: 21 set. 2017.

MARTIN, Henry-Jean; FEBVRE, Lucien. **O aparecimento do livro.** São Paulo: Ed.Unesp, 1992.

MARTIN, K.; QUAN-HAASE, A. Are e-books replacing print books? Tradition, serendipity, and opportunity in the adoption and use of e-books for historical research and teaching. **JASIST**, v. 64, n. 5, p. 1016-1028, 2013. Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/pdf/10.1002/asi.22801>>. Acesso em: 10 mai. 2018.

MARTINS, Wilson. **A palavra escrita.** São Paulo: Anhembi, 1996.

- MC MURTRIE, Douglas C. **O livro: impressão e fabrico**. Lisboa: Gilbenkian, 1982.
- MELLO JUNIOR, J. **Do códex ao e-book: metamorfoses do livro na era da informação**. 2006. 424 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-graduação em Comunicação, Universidade Paulista, São Paulo, 2006.
- MESQUITA, I. C. A.; CONDE, M. G. A evolução gráfica do livro e o surgimento dos e-books. In: X CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE, 10., 2008, São Luís, MA. **Anais eletrônicos...** Teresina: UESPI, 2008. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2008/resumos/R12-0645-1.pdf>>. Acesso em: 13 abr. 2018.
- MONTEIRO, Luís. A internet como meio de comunicação: possibilidades e limitações. Apresentado na Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. **Anais eletrônicos...** Campo Grande, 2001. Disponível em: <http://www.jack.eti.br/www/arquivos/documentos/trabalhos/fae/Trabalho_Redes_Adinarte_26032008.pdf>. Acesso em: 25 out. 2017.
- MORAIS, R. B. de. **Livros e bibliotecas no Brasil colonial**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1979.
- NARDINO, A. T. D.; CAREGNATO, S. E. O futuro dos livros do passado: a biblioteca digital contribuindo na preservação e acesso às obras raras. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 381-407, jul./dez. 2005. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/emquestao/pdf_2005_v11_n2/8_ofuturo.pdf>. Acesso em: 04 mar. 2018.
- OLIVEIRA, J. T. de. **A fascinante história do livro: de Gutenberg aos nossos dias**. Rio de Janeiro: Kosmos, 1989.
- PAIVA, A. P. M. **A aventura do livro experimental**. São Paulo: EdUsp; Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- PAULINO, Suzana Ferreira. Livro impresso x livro eletrônico: a revolução do livro ou uma ruptura definitiva? **Hipertextus**, n.3, jun. 2009. Disponível em: <<http://www.hipertextus.net/volume3/Suzana-Ferreira-PAULINO.pdf>>. Acesso em: 14 out. 2017.
- PROCÓPIO, E. **O livro na era digital: o mercado editorial e as mídias digitais**. São Paulo: Giz Editorial, 2010.
- PROJECT GUTENBERG. **Main Page**. Salt Lake City, c2018. Disponível em: <http://www.gutenberg.org/wiki/Main_Page>. Acesso em: 29 mar. 2018.
- PTAK, J. F. The history of the internet: remembering Vannevar Bush and the Memex. **Life Magazine**, v.19, n.11, 1945. Disponível em:

<<http://longstreet.typepad.com/thesciencebookstore/2009/10/the-history-of-the-internet-remembering-vannevar-bush-and-the-memex-1945.html>>. Acesso em: 15 mai. 2018.

REIS, J. M. **E-books, bibliotecas e editoras: um diálogo necessário**. 2013. 139 f. Monografia (Graduação em Biblioteconomia) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/101850>>. Acesso em: 20 mar. 2018.

REIS, J. M. dos; ROZADO, H. B. F. O livro digital: histórico, definições, vantagens e desvantagens. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 19, 2016, Manaus, AM. **Anais eletrônicos...** Manaus, AM: UFAM, 2016. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/151235>>. Acesso em: 08 abr. 2018.

RIBEIRO, R. L. **O futuro do livro o eletrônico como um contraponto do impresso**. 2009. 111 f. Dissertação (Mestrado em Cognição e Linguagem) – Centro de Ciência do Homem, Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, 2009.

SERRA, L. G. **Os livros eletrônicos e as bibliotecas**. 2015. 175 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

SILVA, Alessandro. Leonardo da Vinci: o desbravador do corpo humano. **Jornal da Unicamp**, n. 568, jul./ago. 2013. Disponível em: <http://www.unicamp.br/unicamp/sites/default/files/jornal/paginas/ju_568_pagina_04_0.pdf>. Acesso em: 25 set. 2017.

SILVA, D. M. **O livro desde a argila até os e-books: estudo comparativo entre livros impressos e livros digitais**. 2013. 150 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Biblioteconomia) – Faculdade de Ciência da Informação, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

SILVA, M. C. da. **Livro impresso versus livro eletrônico: um estudo de caso sobre a preferência dos usuários da Biblioteca do Tribunal Superior Eleitoral**. 2012. 59 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Biblioteconomia) – Faculdade de Ciência da Informação, Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

SOUZA, C. F. M. de. **Olivro digital ou livro eletrônico ou e-Book, como também se diz: conceitos e aspectos de direito autoral**. **GLPI**, 2014. Disponível em: <<http://www.glpi.com.br/noticias-publicacoes/clipping-de-pi/direito-autoral/o-livro-digital-ou-livro-eletronico-ou-e-book-como-tambem-se-diz-conceitos-e-aspectos-de-direito-autoral-iv/1198>>. Acesso: 28 mai. 2018.

VALADARES, Alexandre Arbex. **O livro**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2001.

VERSIGNASSI, Alexandre. **O fim do livro de papel**. Super Interessante, 2010. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/tecnologia/fim-livro-papel-543161.shtml>>. Acesso em: 16 mai. 2018.

VICENTINO, C.; DORIGO, G. **História para o ensino médio: história geral e do Brasil**. São Paulo: Scipione, 2002.

ZILBERMAN, Regina. **Fim do livro, fim dos leitores?** São Paulo: Editora SENAC, 2001.